


Balaio

Revista produzida pelos alunos
do segundo ano de Jornalismo
da Faculdade Cásper Líbero

2014



O símbolo do
luxo no aluguel
de bolsas

Indústria Cultural:
o que movimenta
a cultura de fãs
no mundo pop

Perspectivas sobre o bairro do Pari

Como um bairro de 3km² consegue englobar tantas culturas?

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

A EXPERIÊNCIA DE FAZER E ENSINAR COMUNICAÇÃO



QUAL **CÁSPER** VOCÊ É?

CURSOS

Jornalismo



Publicidade e Propaganda



Rádio e TV



Relações Públicas



FACULDADE
CÁSPER LÍBERO
FORMANDO
OS MELHORES
PROFISSIONAIS
DA COMUNICAÇÃO



/FaculdadeCasperLibero



@casperlibero



/casperlibero

DIVULGAÇÃO



Gourmetização: qual é o limite? (pág. 4)

“Não alimente os babacas”
Bárbara Blum

4

Polêmicas, amor e ritmo
Nicolaos Garófalo

8

Parou no tempo
Giulia Bressani e Maria Clara Moreira

14

Bruxa de Vidro
Daniel Lopes e Giulia Bressani

18

Os rumos do Elevado Costa e Silva
Ana Vazzola

22

Alugue sua identidade
Amanda Saviano

28

Da lama... às lojas
Amanda Saviano e Ana Carolina Gama

32

A Figueira de Therezinha
Ana Carolina Gama e Julia Braun

36

Poder Lunar
André Valente 40

Quanto mais perto, melhor
Giulia Bressani 44

Volta ao Mundo em cinco quadras
Bárbara Blum e Heloísa Pereira 48

Pelo direito de ser
André Valente e Maria Clara Moreira 52

Os cursos do futuro
Julia Braun 56

Do Piqueri ao boom imobiliário
Ana Vazzola e Mariana Guimarães 60

Articulações
Isabella Faria 66

Sailor Moon: a guerreira com roupa de marinheiro completa 20 anos (pág. 40)



DIVULGAÇÃO

"Não alimente os babacas"

De excesso de gourmet a blogueiros ingênuos, a crítica gastronômica Ailin Aleixo pede: "Não alimente os babacas". Em todos os sentidos.

por Bárbara Blum

“Uma parte do público não consome comida, consome hype”, alfineta a jornalista e blogueira Ailin Aleixo, criadora do site *Gastrolândia* e crítica gastronômica há 16 anos. “Tudo virou gourmet”, continua. O termo surgiu na França no século XVIII para definir um homem que conhecia de vinhos e os provava para um comprador antes da compra. Posteriormente, tanto gourmet quanto *gourmand* conotavam gula e um prazer incontornável por boa comida, significado que apenas *gourmand* conservou. Quando surgiu o primeiro guia de restaurantes, o *Almanach des Gourmands*, na primeira década do século XVIII, o gourmet se tornou algo mais próximo do que entendemos hoje: a apreciação pela culinária refinada e até a culinária refinada em si.

Em São Paulo, a popularização do termo surgiu há pouco tempo. Desde 2007 funciona a primeira loja especializada em brigadeiros “gourmet”, a *Maria Brigadeiro*. Três anos mais tarde surge a “*Brigaderia* – a grife do doce mais amado do Brasil”. Ambas apostam em ingredientes diferentes, como especiarias, pistache

e até mesmo bebidas alcólicas, mas não necessariamente diferenciados. “Para ser brigadeiro gourmet, o cara tem que, no mínimo, fazer o próprio leite condensado”, brinca Ailin.

Com o crescimento da economia brasileira, surgiu o movimento de resgate das origens culinárias do país, trazido por estudantes de gastronomia que visitavam a Europa, onde o conceito de resgate estava forte há uma década. “A gente parou de ter vergonha da nossa cozinha”, explica Ailin. A influência, nacional e internacional, de chefs brasileiros como Alex Atala (D.O.M) garantiu que essa valorização de receitas e ingredientes nacionais continuasse até hoje. “Agora é cool dizer que gosta de rabada”, ri Ailin dando garfadas no seu arroz de fígado, durante o almoço no famoso Bar da Dona Onça.

CULTURA EM EXTINÇÃO

Resgatando e relendo o clássico pão de queijo, a empresa ReMi nasceu da receita da mãe de Renan Prado, que, junto com sua esposa Midori Inamuri, recri-

Pão de queijo recheado de cream cheese e bacon da ReMi. A massa é feita na hora em cada pedido



DIVULGAÇÃO MARIA BRIGADEIRO

Brigadeiros de pistache e castanhas da Maria Brigadeiro



AILIN ALEIXO

McGourmet: Barreado de Big Tasty com farofa de Big Mac e banana



DIVULGAÇÃO ROLETZ20CONTO

Sanduíche vegetariano personificado em Laranja Mecânica

ou e experimentou até chegar aos pães gourmet que vendem por encomenda. “O gourmet é uma coisa de sentimento”, diz Renan. “As pessoas querem comer bem sem pagar muito”, complementa Midori. Na hora de fazer o pão, juntam o máximo de pedidos para que façam apenas uma massa para a qual pesquisam desde o melhor sal até o leite mais adequado. Para não banalizar (ainda mais) o termo no nome, são extremamente críticos: “Não queremos ser mais um Starbucks”, dizem.

Para Ailin Aleixo, é na atenção aos detalhes que está a essência do gourmet. “O termo nada mais é que o refinamento do preparo e dos ingredientes”, afirma, “é algo feito com artesanato”. A crítica diz que no microcosmo no qual o gourmet cresce, principalmente na classe média-alta e entre os chamados “novos ricos”, a denominação foi útil para que as pessoas fossem mais atenciosas com a origem do que consomem.

Contudo, apesar do movimento de resgate de origens reavivar quitutes brasileiros mais populares, como pastel, brigadeiro, coxinha e até pipoca, muitas vezes

o toque “gourmet” fica por conta de ingredientes importados. O caso mais chamativo é o da pipoca Pipó que, assim como a loja Brigaderia, denomina-se uma “grife”. 49g do produto, cuja embalagem refinada só se encontra em empórios e lojas online como iBacana.com, custam até R\$35,00. Dentre os ingredientes que justificariam esse preço estão curry e trufa branca.

CONTRAFLUXO

O criador do blog Rolet20conto e recém-formado na Cásper Líbero, Mateus Grazina, acredita que casos como esse comprovam que o uso do termo é, muitas vezes, puro marketing. Em contraponto às pipocas de 30 reais, o blog pauta suas postagens em recomendações de lugares nos quais seja possível fazer uma refeição, geralmente farta, na faixa dos 20 reais. “20 conto é um valor inteiro, uma nota única que ainda é aceitável de se pagar num rolê desprezioso, tomar uma breja por exemplo”, conta, em tom informal, seguindo a linha do blog. Sob o slogan “foda-se o gourmet”, Mateus

luta contra a “gourmetização da vida”, em seus próprios termos. “Quem nunca pagou 5 reais numa coxinha, que não era ruim, mas não tinha gosto de 5 reais?”, questiona, “Existe o gourmet *rolet* [do “internetês”: de raíz], mas não é o que a gente vê por aí”.

OS BABACAS

Porém, os menos informados caem na falácia de um produto (supostamente) diferenciado confiando no termo gourmet presente denominação do local ou prato. “É o deslumbramento do novo rico”, diz Ailin. De acordo com ela, blogueiros menores também passam por esse deslumbramento, aceitando convites para eventos com potencial (realizado) para o desastre, como o McGourmet, ao qual Ailin compareceu em 2010.

A proposta do evento era criar pratos gourmet apenas com ingredientes e alimentos disponíveis nas lojas do McDonald’s. O primeiro prato: ceviche de McFish com sorbet de molho de Big Mac. O peixe

vinha dos filés empanados do sanduíche e tinha sua casquinha raspada antes de ser marinado do vinagre (já que não utilizam limão na rede de fast food). Em seguida, uma salada coberta com espuma picante de Fanta Laranja. Iludidos pela proposta e por nomes de técnicas típicas da gastronomia molecular – caso da espuma, “inspirada” no espanhol Ferran Adria – os blogueiros se esqueceram (ou nunca souberam) que gourmet é muito mais do que peixe processado congelado e refrigerante mascarados de alta gastronomia.

Embora a banalização do termo tenha impulsionado a criatividade de pequenos empreendedores, sejam eles a favor ou contra a ideologia por trás disso, criou também uma massa de consumidores que aceitam pagar caro por produtos de qualidade inferior ao que a palavra gourmet infere. “É muito fácil vender asneira”, Ailin dá de ombros.

Para alguns, comida ainda é uma experiência. Para outros, “é a versão gastronômica de usar uma bolsa Louis Vutton”, brinca Ailin. ●



POLÊMICAS, AMOR E RITMO

O que faz do gênero musical mais subestimado a base econômica da Indústria Musical

por Nicolaos Garófalo

Em julho de 2013, a venda de discos musicais nos Estados Unidos quebrou um recorde negativo na história da música: 4,68 milhões de unidades em uma semana. O segundo menor número ocorreu 1991, quando, logo antes da explosão do grunge, a indústria registrou um número de 4,7 milhões de álbuns vendidos.

Há quem diga que isso é culpa da pirataria e do compartilhamento gratuito de música pela internet, mas essa noção está errada. Apesar do baixo número de vendas de álbuns no mundo físico, o lucro da venda digital de discos finalmente deu um salto em 2013, tirando as contas da Indústria do negativo, segundo a revista “Forbes”.

Depois de ter muito prejuízo com os diversos sites de download gratuito, a música se apoia em seu patinho feio (agora transformado em cisne dos ovos de ouro), criticado por uma grande parte dos apaixonados pela arte: o pop.

Dos dez artistas mais rentáveis de 2013, seis se encontram na categoria pop das lojas de música e, juntos, renderam quase US\$ 2 bilhões só naquele ano, entre turnês, vendas de músicas e royalties. A mais vendida foi Taylor Swift, que começou a carreira como artista country, mas se consagrou no pop.



O músico Fred Angrisani



Ricardo “Jack” Gifford em sua bateria

Mas nem tudo são flores no gênero. Críticos e fãs de outros estilos costumam ter uma visão mais hostil sobre a maior fonte de renda da música mundial. Na revista especializada “Rolling Stone”, são poucas as críticas amigáveis aos artistas pop. De agosto de 2013 a março de 2014, apenas a jovem Lorde conquistou mais de 3 estrelas no ranking da revista.

A hostilidade contra o pop vem “pela questão de ser muito popular, mesmo que geralmente sejam músicas mais simples, abordarem temas ‘superficiais’ ou até por uma questão de imagem”, afirma Fred Angrisani, formado em música. “Há músicas que as vezes soam muito comerciais, seguem uma tendência e não buscam inovar ideias ou estruturas musicais”.

Para Ricardo “Jack” Gifford, estudante de música na Berklee Collage Of Music, esse preconceito acontece “porque a música em si não é o fator mais evidenciado na cultura pop. Imagem, superproduções e escândalos muitas vezes recebem mais atenção da mídia e dos fãs dos artistas

“(O estilo) gera tanto dinheiro, que se tem os melhores envolvidos na produção” (Ricardo Faria)

pop do que as próprias músicas”.

Mas Jack faz uma ressalva, dizendo que pelo estilo “gerar tanto dinheiro, tem-se os melhores envolvidos na indústria. Excelentes músicos, produtores, engenheiros, equipamentos de última geração. É um estilo muito bem produzido e muito bem dirigido, que cumpre exatamente as funções para as quais foi designado”.

O músico Luiz “Tubarão” Motta também comentou sobre a hostilidade de outras pessoas contra o pop: “acho que o pop de hoje é visto com tanta hostilidade porque tá todo mundo velho da cabeça. Até os mais jovens. Essa ideia de que toda música tem que ser cheia de conteúdo, cheia de complicações, cheia de tudo, isso é a maior furada. Se encher muito a música, enche o saco. Não é toda canção que tem que ter um sermão



Para Luiz “Tubarão” Motta, a música nem sempre precisa de conteúdo

político ou arranjos impossíveis de tocar ou até de ouvir tudo”.

Coincidentemente, os três citaram a simplicidade e a fácil difusão do pop. De uma maneira mais acadêmica, pode ser encaixada nos moldes da Indústria Cultural de Adorno, argumentando que a música tem sido feita não mais como arte, mas como objeto simples de consumo e entretenimento do público.

A Indústria Cultural funciona para criar objetos de consumos para as massas, resultando em lucros com o produto comercializado. Jack também comentou sobre a vida desses artistas na mídia, dizendo que “há uma apreciação da música por parte do público, mas é descartável,

sai de moda quando o artista não está mais por cima, simplesmente porque a grande maioria das músicas explora os mesmos recursos e tem a mesma função: trazer mais público e dinheiro para a

“Se encher muito a música, enche o saco. Não é toda canção que tem que ter um sermão político ou arranjos impossíveis de tocar ou até de ouvir tudo”

(Luiz Motta)

indústria”. Ou seja, o artista só é útil enquanto está em evidência, podendo ser substituído e esquecido facilmente pela indústria.

Tubarão analisa mais a fundo, dizendo que essa fácil comercialização do pop divide os artistas em dois caminhos: os que fazem de tudo para contrariar o mercado e os que fazem de tudo para integra-lo. “Se você faz só o que o mercado pede, você não é um artista, é um artesão. Se você deixa todo mundo escolher o que você vai fazer, você não é um chef, você trabalha no Spoleto”, afirma o músico, antes de dizer que muita gente se liga aos seus estilos favoritos por meio da sua mistura com o pop. “Eu não conheceria Fundo de Quintal se

Taylor Swift
foi a mais
lucrativa na
música em
2013



DIVULGAÇÃO

não fosse o Só Pra Contrariar, por exemplo” (risos).

Os fãs. Mas não são os críticos ou os estudantes de música que fazem o sucesso comercial do pop. Apoiado em uma enorme e fiel base de fãs, o estilo musical gera muita paixão e contágio facilmente. Para Gustavo Ruban, o sucesso do pop está “justamente no fato delas grudarem na memória, terem refrões contagiante e também por serem muito boas para dançar. Como o próprio nome já diz, elas se popularizam muito fácil”.

Para Giulia Bressani, que frequentava shows da dupla Sandy & Junior desde pequena, “é simples de agradar porque não precisa de muito esforço para ser entendido. E quando exige algum tipo, já é taxado de ‘conceitual’, que é como chamam boa parte do trabalho da Lady Gaga, por exemplo”.

Outra característica forte do pop é a rivalidade entre fãs de diferentes artistas, mais ou me-

“Ninguém ali tá ligando muito pra música em si, mas bem mais no boom e no quanto vai ‘hitar’!”

(Giulia Bressani)

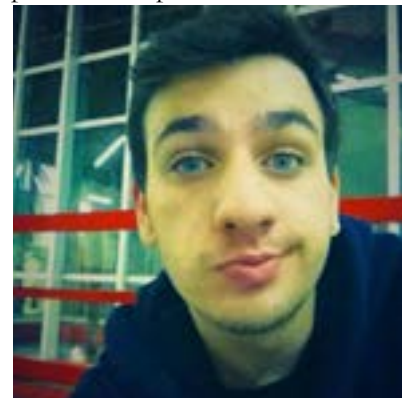
nos como acontece há 50 anos entre ouvintes dos Beatles e dos Rolling Stones.

“A rivalidade surge da necessidade de provar que o seu ídolo é melhor do que todos os outros. E as ‘provas’ disso vem em posições nas paradas, visualizações de clipes na internet, vendas de CDs, vendas digitais e etc. Ninguém ali tá ligando muito pra música em si, mas bem mais no boom e no quanto vai ‘hitar’ (virar hit)!””, afirma Giulia.

Quanto às fortes críticas recebidas por seus artistas favoritos, nem sempre elas são ouvi-

das! “Pessoalmente eu sempre fui bastante ‘do contra’ em relação a críticas, seja de músicas, séries ou filmes. Costumo gostar do que os críticos detonam”, disse Gustavo, afirmando ainda que não deixa a opinião dos outros impedi-lo de seguir seus gostos.

Mas não é apenas a comercialidade do pop que gera polêmicas. O comportamento de diversos artistas também gera muito burburio em tabloides internacionais, como o caso de Justin Bieber cuspir em fãs e pichar muros no Bra-



O jovem Gustavo Ruban

ARQUIVO PESSOAL



Giulia: o importante é hitar!

ARQUIVO PESSOAL

sil, ou o egocentrismo exagerado de Kanye West. Nesse assunto, os entrevistados divergem.

Para Gustavo Ruban, eles acabam por se tornar más influências para a parte mais jovem de seus fãs, que “por não terem uma opinião formada sobre tudo ainda”, acabam tentando imitar seus ídolos. Para Giulia, isso não é tão simples, pois depende exclusivamente dos fãs. “Quem não gosta do Bieber, por exemplo, vai gostar ainda menos. Quem é fã cego da Miley, vai achar superlegal e inovador ela dançando seminua como um frango no palco do VMA (Video Music Awards, premiação de voto popular da Mtv americana). As fãs mais novas e de ídolos mais teens, como as do Bieber tendem a passar a mão na cabeça e berrar ‘ELE É O JUSTIN BIEBER PODE FAZER O QUE QUISE’ para absolutamente tudo o que ele fizer e isso é porque elas na verdade não ligam para a música ou para qualquer coisa desde que ele poste no Twitter uma vez por semana que ama as fãs mais que tudo”.

Para Daniel Lopes, as polêmicas não afetam tanto. O jovem fã de Beyoncé afirma que a cena pop é formada por polêmicas e que, quanto mais em alta estiver o ar-

tista, melhor será para a carreira dele aparecer nas manchetes.

Mas as respostas a essas polêmicas, as rivalidades e a indiferença em relação aos críticos tem um motivo: paixão. Daniel diz que o que desperta o calor do pop é a pluralidade, pois o estilo fala uma língua universal e foi feito para todos, não se delimitando a um público específico. “O que mais me atrai é a capacidade de conquistar as mais diferentes pessoas com os mais diferentes tipos de música, batidas, ritmos”.

E o amor pelos ídolos não se resume a comprar o CD e ir em shows. Contrariando o que muitos anti-fãs dizem por aí, os amantes do pop são mais do que capazes de analisar artisticamente seus músicos favoritos. “Com o último CD, de 2012, ela conseguiu

“O que mais me atrai é a capacidade de conquistar diferentes pessoas com diferentes ritmos!”

(Daniel Lopes)



Daniel Lopes: fã da música pop



Beyoncé: artista completa e plural

explorar vários estilos diferentes e, querendo ou não, os haters do pop não podem negar o reconhecimento que ela conquistou como artista. Indicada duas vezes a melhor álbum no Grammy (o maior prêmio da música ocidental) entre seus últimos 3 lançados não é algo que qualquer um faça aos 23 anos”, diz Giulia sobre Taylor Swift, antes de comentar o fato dos ex-Beatles Paul McCartney e Ringo Starr assumirem ouvir com frequência músicas da cantora.

Daniel também defende muito bem Beyoncé: “ela tem todos os ingredientes para agradar o grande público que consome música pop, mas também tem o diferencial de fazer trabalhos que se destacam individualmente e abrangem diversos estilos, ela é muito completa. Isso é o que me encanta”.

A paixão que os fãs do pop trazem para a música salvou a indústria, quase falida. Os críticos pouco importam. Artistas e fãs de outros estilos só têm a agradecer pela força extra para a sobrevivência da arte. Movimentando sozinha mais de US\$ 2 bilhões (sendo 1,8 deles com apenas 6 artistas), a música pop é hoje a base para o que está por vir no futuro, seja rock, rap ou R&B. ●

DIVULGAÇÃO

No interior de São Paulo, esconde-se um dos últimos redutos provínianos, onde um simples elevador é sonho distante

Parou no Tempo

Por Giulia Bressani e Maria Clara Moreira

Começou assim: eu terminava minha terceira palavra-cruzada no ônibus, já vazio após cinco paradas, cada uma em cidade diferente, quando Bruna falou:

- Continua tudo ali. A mesma cerca tombada, a pichação na placa. Parou no tempo.

Olhei a placa em questão, “Cruzeiro - 2 Km”. A estada de dois dias, insistência da Tia Andrea, mãe da Bruna, que fazia “toda a questão do mundo” de conhecermos a cidade onde nossa amiga cresceu, começara quatro horas antes e o arrependimento dava sinais de aparecer. Olhei de soslaio para Giulia, absorva em seu celular, e não tive escolha senão contemplar a vista da minha janela. Esquecida entre a fronteira do estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, só o que se vê em torno da cidade são montanhas escarpadas e a Serra da Mantiqueira. Tudo muito rústico, pensei. Muito entediante.

Única das cidades por cujas terras a Rodovia Presidente Dutra passa sem ter uma ligação direta com esta, escondeu-se do progresso desde o início. Sua entrada e rodoviária, simplórias em tudo, exibem uma simplicidade de quem não espera visitas. No ponto de táxi vazio, Giulia fez menção de abrir o aplicativo de serviços, o que Bruna logo repreendeu. Easy Taxi é luxo paulistano.

O paralelepípedo desnivelado das ruas perfeitamente simétricas chacoalhou o táxi o caminho todo. “A cidade foi construída por ingleses”, Bruna nos explicou, “As ruas são todas paralelas e perpendiculares, como um jogo-da-velha enorme, e tem números. A rua quatro é dos médicos, a cinco a das lojas, a dois das putas. Essa em que a gente está é a maior, a sete”. A avenida em nada impressiona e passaria despercebida não fosse o quase acidente testemunhado por nós, não para o espanto do taxista. “Acontece sempre”, conta. “Mudaram

a mão da rua e o povo não se acostuma. A vida inteira era mão dupla, agora querem que a gente aceite assim. Essas coisas não podem mudar não, que absurdo”.

“Em que novela das seis nós estamos?” disse Giulia, pela primeira vez sem olhar o celular (não por vontade própria, diga-se de passagem, mas pela falta de sinal da internet móvel), quando deparou-se com uma charrete. Nos bancos da frente, a aparente familiaridade que nossa amiga exibia com o taxista, um completo estranho, era o primeiro expoente da receptividade interiorana. Pelo caminho todo só se avista casas. Na cidade toda há apenas dois prédios. Em um deles, o primeiro e único elevador de Cruzeiro chegou há oito anos. Uma vez na rua sem saída que era nosso destino (e tendo desistido de fazer o 3g funcionar), Giulia se pronunciou mais uma vez:

- Cadê o taxímetro?

- Não tem, boba - esclareceu Bruna.

- E como vocês sabem quanto deu a corrida? - insistiu.

- A gente só sabe.

Segundo Álvaro Dias, taxista em Cruzeiro há mais de 30 anos (de seus 53), o taxímetro traria apenas prejuízo. “As corridas são muito curtas por ser uma cidade pequena. A gente tem que pagar a gasolina”. Quem mora na cidade se acostumou com o sistema de simplesmente confiar no motorista e acaba aprendendo os valores comuns entre sua casa e o centro da cidade e outros caminhos frequentes.

Bruna mora em um dos bairros mais novos da cidade. No Jardim Primavera há uma avenida principal, cortada por diversas ruas menores e sem saída, em disposição semelhante a uma coluna vertebral. Todas tem nomes de flores. No número 171 da Alameda das Hortênsias, a família ponderou o que almoçar. A decisão durou menos de cinco

Sendo uma das únicas cidades que cruza a Rodovia Presidente Dutra, mas não tem acesso direto à ela, Cruzeiro parece se esconder do progresso

minutos. “Todo final de semana é a mesma coisa” explicou Marcelo, pai de Bruna, “Há oito meses abriu o primeiro restaurante japonês da cidade e é o que todas as pessoas comem agora. Só isso, o tempo todo. É a novidade do momento”.

A diversidade gastronômica, como logo aprendemos, é quase inexistente. Cadeias famosas de fast food não chegaram lá. Nada de McDonalds, Burger King ou Spoleto. Lanches, apenas nos quiosques das praças. O mais famoso deles, “McRonalnds” tira óbvio sarro do “primo rico”. Mas não apenas os figurões do serviço alimentício são ausentes. Até 2013, a cidade não tinha uma Lojas Americanas. Em 2008, a inauguração da primeira unidade das Casas Bahia foi o maior evento do ano, prestigiado pela cidade inteira como a chegada da própria civilização num município que até hoje não tem um único shopping center.

O Centro de Cruzeiro tem duas praças principais, a dos velhos e a dos jovens. A primeira é pacata, mal cuidada e, não por coincidência, esvazia mais a cada ano. A segunda, mais viva e colorida, conta com uma sorveteria em cada extremidade, todas sempre cheias e nenhuma delas com sorvete de limão (porque azeda rápido e tem pouca procura) - o que deixou Giulia

levemente desapontada. No meio dela, um bando de meninos anda de skate na pista que eles, por iniciativa própria e sem qualquer apoio da prefeitura, restauraram. Para cada pessoa na praça, há dois cachorros vira-latas comendo restos de pipoca no chão.

Andando pelo centro, a distância (não apenas geográfica) de São Paulo fica muito óbvia. Os únicos comércios conhecidos são o Boticário e a recém-inaugurada Lojas Americanas. O resto do comércio é local, com exceção das lojas Gisella, nome comum na cidade. De artigos esportivos a calçados femininos, o mini-império tem trinta anos e é responsável pelo maior número de empregos do setor na cidade.

O Cine Cruzeiro, único entretenimento numa cidade sem teatros ou boates, conta apenas com uma sala. Em cartaz, dois filmes: “Rio 2” e “Crô”, há muito fora de cartaz nos cinemas paulistanos. Bilheteiro, pipoqueiro e projetor são funções acumuladas por um único funcionário. Ao pedir a meia-entrada, não é preciso apresentar documento: o cobrador sabe se você é estudante ou não por já te conhecer. Antes de cada sessão, são transmitidas propagandas do comércio local, amadoras em tudo. Os banheiros dão direito para a sala, permitindo aos espectadores cronome-

trar quanto tempo cada um demora a fazer suas necessidades pela luz que emana quando se abrem as portas. Além de nós três, há apenas mais duas pessoas na sala.

Para quem nasceu e cresceu na região, talvez por não estar acostumado com outra rotina, o tempo não parece passar mais devagar. “A gente tem tantas coisas para fazer quanto em qualquer outro lugar. Trabalho, escola...” Daniela Soares, de 19 anos, viveu sua infância e adolescência na pacatez de Cruzeiro e saiu há pouco para estudar, uma vez que a faculdade local não oferece seu curso. O contraste com sua nova cidade é gritante, mas ela jura que conseguiu se adaptar exatamente por ter crescido no interior, “Tive uma liberdade maior para crescer e aprender a me virar sozinha”.

A minha desconfiança de não ter ninguém que valesse a pena conhecer se concretizou em partes. Muito simples, boa parte de seu povo não se interessa pelo que acontece além da cidade, considerando que é muito longe dali (e em parte é mesmo) para lhes dizer respeito. Entre suas maiores personalidades estão seus quatro colírios capricho (o que, suponho, diz muito), a maratonista Adriana Aparecida

da Silva (ouro nos Jogos Panamericanos de 2011), o advogado Márcio Thomaz Bastos (ex-Ministro da Justiça do governo Lula), a família Biondi (espécie de família Sarney do microcosmo cruzeirense, dona de mineradoras e o mais próximo de realeza que a cidade tem) e sua prefeita, Ana Karim, cassada no começo do ano por desvio de verba e conhecida por sua megalomania.

A noite evidencia a pausa temporal em que a cidade de encontra. Crianças se recolhem para suas casas quando o sol se põe e o mar de estrelas aparece ao som dos ruídos dos grilos. O silêncio quase sepulcral é interrompido por uma batida no portão, agora torto. Na rua, seis búfalos pastam, invadindo os terrenos baldios. “São de uma fazenda aqui perto”, esclarece Bruna, “Deveria ser proibido deixa-los ficarem soltos assim. De vez em quando amassam ou derrubam alguma coisa, mas nunca machucaram ninguém”.

A meio caminho entre o campo e a tentativa de cidade, a filha esquecida da Dutra vive num limbo. Nela tudo termina, até a Revolução Constitucionalista de 30, cujos resquícios tais quais cápsulas de balas ainda são encontrados, intocados, no túnel que serviu como campo de batalha. Parou no tempo. ●

Em Cruzeiro, todas as ruas são numeradas e reconhecidas a partir disso. Como a rua cinco, que é dos médicos



Bruxa de VIDRO

Cristie Gambetta, artesã, faz bijuterias com vidro reciclado e vende em seu estande no Shopping Butantã

A vida e obra de uma artesã por acaso

por Daniel Lopes e Giulia Bressani

“Sabe a janela de casa quando quebra? Eu dou uma vida nova pra ela!” E assim, Cristie Gambetta atrai a atenção de mais um cliente que para em frente ao seu estande de vendas, em mais uma tarde de domingo no Shopping Butantã, zona Oeste da capital paulista. A artesã faz bijuterias com vidro reciclado numa técnica pouco conhecida, chamada de *fusing*. Em pouco mais de três horas ao lado dela, foi difícil achar alguém que passasse pelo corredor e não ficasse com os olhos *vidrados* diante de seus produtos. Pingentes de metal “sempre banhados a ouro ou prata, dando esse acabamento tão bonito” ornados com pedaços de vidro de tamanhos diversos “que são moldados, aquecidos e misturados com várias tintas, sempre resultando em peças únicas”. Mas a beleza do artesanato da mulher loira de olhos mais azuis que qualquer uma das pedras que produz nem se compara com seu próprio poder de sedução, talvez o segredo de seu sucesso.

O sucesso, porém, não foi uma constante na vida de Cristie. Sem nem tocar na idade atual, ela se limita a dizer que começou a trabalhar aos 15 anos e sempre foi interessada em arte. Gostava de pintura e escultura quando ainda estava na escola, além de sempre desenhar. Mas a vida a transformou em bibliotecá-

ria na Universidade de São Paulo, cargo que ocupou até uma década atrás. O artesanato virou plano de aposentadoria. “Antes de parar de trabalhar, fui fazer cursos para aprender a fazer joias e nem pensava em trabalhar com vidro.” Uma sociedade desfeita que só lhe rendeu dívidas (das quais ela também não gosta muito de falar) foi o impulso definitivo para a entrada no comércio. “O meu parceiro me deixou um monte de problemas, mas também foi quem me ensinou a técnica que uso na minha arte. Sempre dá para tirar algo bom de tudo.”

Cristie tem controle de 100% do processo de seu trabalho. Desde o vidro que consegue numa fábrica de porta-retratos, passando pelos três ou quatro dias do processo de produção de cada peça até a venda e até a divulgação. A artesã é modelo de suas próprias peças, apresentando para cada cliente “as sete maneiras diferentes e criativas de usar o lenço no dia-a-dia” enquanto amarra os cordões no pescoço. Os clientes, inclusive, servem de inspiração para o trabalho (a ideia de usar os pingentes presos à um lenço, por exemplo, surgiu após Cristie ver uma moça com um tecido amarrado ao pescoço em pleno verão) e ela confia que a chave do seu sucesso está na psicologia: “Eu olho para cada pessoa que para na minha loja e já sei como abordá-la. É tudo uma questão de observar e saber o que dizer e pra quem dizer, é psicologia pura.”

“Eu sou bruxa.” É o que Cristie diz quando fala do que está por trás de seu trabalho e de sua própria

vida. Apesar do sorriso no rosto, ela afirma já ter sido alguém muito depressiva. “Descobri a cromoterapia por indicação de amigos e hoje é o que norteia meu dia assim que eu acordo.” Escolher as cores das roupas que vai usar reflete na maneira com que Cristie se sente ou deseja se sentir. No domingo enquanto era entrevistada e atendia os clientes, usava um vestido amarelo com bolinhas vermelhas e uma sandália com várias tiras num prateado cintilante, além, é claro, da maquiagem bem marcada ao redor dos olhos, algo que a deixava, de fato, com um ar meio místico.

A artesã também já sabe um pouco mais de cada cliente de acordo com a primeira peça que ele pega nas mãos. “Se pegou o lenço amarelo, está atrás de riqueza. O vermelho ou o rosa, atrás de amor. O colar acaba escolhendo o cliente.” O misticismo se faz presente também através da numerologia. “Seguindo a cultura chinesa, eu trabalho com 4 elementos da natureza – fogo, água, terra e ar – ou 6 elementos, o ouro e o carvão. Então cada pingente tem 4 ou 6

pedras.” O número 19, do arcanjo Gabriel, também é importante para a artista que usa cada um dos lenços com exatos 1 metro e 19 centímetros de comprimento. Quando perguntada sobre religião, Cristie diz que não segue à risca nenhum dogma, mas que “a palavra de Deus nunca é demais”, o que a motiva a entregar um santinho junto com cada bijuteria vendida.

Mesmo sem nunca ter sido vendedora antes de começar no ramo do artesanato, Cristie admite que sempre teve o dom de convencer. “Sempre fui muito faladeira, eu poderia passar horas e horas aqui conversando e sendo simpática e quando você vai ver, já comprou uma peça minha!” Se quando o assunto é trabalho, ela gosta de tagarelar, quando a vida pessoal está em jogo, Cristie é de poucas palavras. Seus pais vivem no Butantã, na casa onde Cristie também tem o forno e o ateliê para produzir suas peças. O pai já não lembra de muitas coisas e Cristie acha que seguirá pelo mesmo caminho. “Sofro de perda de memória recente. Sabe? Igual aquele filme da Disney”, diz,



GIULIA BRESSANI

Cristie começou a trabalhar aos 115 anos e sempre teve interesse pela arte



Controle total dos produtos que vende: Cristie está envolvida desde o processo de produção até a divulgação e venda

fazendo referência à peixinha Dory de “Procurando Nemo”, e lembrando que anota os nomes de todos os clientes numa agendinha especial. A artesã vive numa casa em Taboão da Serra, município da Grande São Paulo e lugar que Cristie usa para descansar. “Estando sem nada para fazer, gosto de ouvir o barulho da televisão ou malhar na academia perto de casa.” Nos dias mais corridos, ela se divide entre a casa, o ateliê e a loja na praça Benedito Calixto, em Pinheiros. A feirinha de artesanato no shopping só aos domingos: “Se acontecesse em mais algum dia, precisaria de funcionárias.” Apesar da rotina cansativa, ela diz que ocupar o tempo com feirinhas e bazares é positivo pois a faz conhecer mais pessoas e divulgar o trabalho em novos lugares. Voltando à família, Cristie ainda diz ter duas irmãs, mas quando ouve mais perguntas sobre elas, começa a tossir e conta dos 18 anos que passou fumando e como isso ainda afeta sua voz e seus pulmões, desviando-se do assunto.

A artesã é divorciada. Sem muitos detalhes, diz que o relacionamento não terminou mal, apenas não resistiu ao tempo. “Meu pavio não é curto. Na verdade, tive mais de 20 anos de pavio.” Do relacionamento, duas filhas (cujos nomes não foram revelados), uma

ainda no ensino médio e a outra, prestando vestibular para Veterinária: “Acho que elas não querem dar continuidade no artesanato da mãe.” Curiosamente, quando foi contar da família, Cristie apontou para três “porta-retratos” que guardava na bancada, fotos dentro de um pote de vidro arredondado. As figuras expostas, porém, eram recortes de revistas com rostos de celebridades. “Bonita a minha família, não?”

Seus olhos azuis penetrantes foram os responsáveis por chamar a atenção da primeira vez que foi vista. Sua lábia e simpatia, a facilidade em conversar e convencer a transformaram numa personagem singular e interessante. Mas aqueles mesmos olhos, quando observados a fundo, pareciam encerrar muitos segredos, que talvez não pudessem ser tão facilmente revelados. A bruxa tem um feitiço por debaixo da manga, mas como qualquer artista que se preze (ou mesmo como essas celebridades dos tabloides), Cristie, quem sabe, apenas prefira não revelar muito sobre sua vida pessoal. Para os que quiserem conhecê-la, preparem-se para o encantamento do brilho de seus vidros e também de seus olhos, escondidinhos no segundo andar do shopping. “Toma aqui um cartãozinho pra você não se esquecer de mim.” ●

No domingo de manhã, o Minhocão pode estar bem movimentado. De bicicletas.



Qual o melhor destino para a cicatriz urbana de São Paulo – o Minhocão?

por Ana Vazzola

Os rumos do Elevado Costa e Silva



Ciclistas pedalam nas pistas do Minhocão

“Tenho a melhor área de lazer aos domingos como extensão da minha casa. Tem coisa melhor?” Domingo, 08h40min da manhã. César Augusto, assim como muitos outros moradores das proximidades do Minhocão, são os responsáveis pela agitação no Elevado Costa e Silva no último dia do final de semana dos paulistanos, quando o movimento dos carros é substituído apenas por pessoas, que aproveitam o espaço das mais variadas maneiras.

César transforma os mais de 3 km da via em pista de corrida, “se eu fosse correr nos parques da cidade encontraria tudo lotado, só é uma pena que aqui a vista não seja tão agradável”. Outro frequentador semanal do local é o empresário Luís Carvalho. Ele e a mulher fizeram da pista trajeto obrigatório nas pedaladas de domingo, momento que levam seus dois filhos para conhecer melhor a cidade. “Aproveitamos para mostrar pra eles um pouco da beleza do centro de São Paulo, e nada mais justo que começar por aqui, por onde passa a famosa Avenida São João.”

São pessoas assim que apoiam o projeto de lei que propõe a desativação do Minhocão e a transformação do espaço em um parque linear para a cidade. Os vereadores que defendem essa interferência urbana apresentaram o projeto à Câmara Municipal de São Paulo e aguardam a aprovação do prefeito Haddad, lutando contra a possibilidade de demolição da estrutura, vista por muitos como a única saída para melhorar a região.



César Augusto faz do Minhocão sua pista de corrida

HISTÓRIA

O Elevado Presidente Costa e Silva – Minhocão – foi construído no ano de 1971, durante o governo do ex-prefeito Paulo Maluf, com o intuito de diminuir o trânsito da região central. A ideia da construção de vias elevadas surgiu devido à impossibilidade das ruas serem alargadas, o que aumentaria a capacidade do tráfego no local. Logo após a sua construção a obra foi muito criticada por não apresentar nenhum objetivo definido em relação ao destino das pessoas que circulam por sua extensão e por ter caracterizado uma forte degradação do antigo centro da capital paulista.

Além disso, em razão da proximidade dos prédios, foi necessário criar um horário de funcionamento da via para diminuir os efeitos da consequente poluição sonora. Essa é a reclamação mais frequente dos moradores desses prédios, o alto barulho dos carros que passam durante todo o dia e de forma ininterrupta. É o caso da moradora Elizabeth Gonçalves, de 74 anos. Elizabeth é vizinha de janela do Elevado e todos os dias sofre com o barulho. “Os carros passam rápido e o tempo todo, só tenho sossego na hora que fecha”, referindo-se ao horário de funcionamento estabelecido. O Minhocão funciona de segunda a sábado, das 6h30 às 21h30, e permanece fechado para carros em outros dias e horários. Portanto, visto como uma estrutura sem necessidade para a região, desde 2010, existe uma possibilidade de sua demolição, encabeçada por Gilberto Kassab. E é no sentido contrário a essa ideia que nasce o projeto Parque Minhocão.

LADO DE CIMA

O vereador José Police Neto, um dos idealizadores do projeto, aponta o Elevado Costa e Silva como uma obra urbana produzida na cidade numa “época de absoluta carro-dependência”, situação que não corresponde mais aos dias atuais. Ele não discorda da importância da via para a mobilidade urbana de São Paulo, “porém é uma mobilidade motorizada individual”, já que o acesso é restrito apenas aos carros. Com o crescente investimento em transporte público coletivo desde sua construção até hoje, a via para transporte individual perde o sentido, ou como defende Police Neto, “ganha um sentido novo, a transformação de, ao menos um trecho em Parque, e a devolução da Avenida Parque São João”. O vereador argumenta que através dos transportes

ANA VAZZOLA



Luís, a mulher e os filhos, passeio de bicicleta dos domingos começa no Elevado

coletivos – Rodoanel Norte, trem e linhas novas do metrô – um novo conceito de mobilidade e circulação da população será criado, o que trará benefícios ao ar poluído da região.

Outro participante importante nessa causa, e principalmente na busca de melhorias na qualidade de vida dos moradores da região do Elevado, é a Associação Parque Minhocão. Levando em consideração os transtornos que a população local sofre há mais de 40 anos, enfrentando poluição atmosférica e sonora, um engenheiro, uma cicloativista e um arquiteto resolveram se unir para propor o reaproveitamento da estrutura e sua transformação em parque linear - defendendo o projeto proposto à Câmara - possibilitando uma melhora na qualidade de vida.

“Muita gente aderiu a nossa ideia e o grupo cresceu para mais de cinquenta pessoas”, conta Athos Commolati, engenheiro e presidente fundador da Associação. Fundada em 14 de agosto de 2013, propõe um projeto “que contemple um Parque Municipal com ciclovia, além de soluções urbanísticas para os baixos do Minhocão”. Athos não rejeita comparações

ao famoso e bem-sucedido projeto do High Line, antigo viaduto ferroviário transformado em parque na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. O High Line teve influência na iniciativa de criar a Associação como exemplo de mobilização da sociedade civil e “mostra que é tecnicamente possível construir um parque sobre um viaduto”. A Associação conta com o apoio popular daqueles que defendem essa intervenção e foi em consequência às suas passeatas que a Câmara dos Vereadores passou o projeto de lei que cria o Parque Minhocão e restringe o tráfego de veículos gradativamente até o fechamento definitivo em quatro anos, que aguarda aprovação.

Seguindo a linha da busca pela melhor qualidade de vida da população que reside nos entornos do Minhocão, o vereador Ricardo Young, especialista na defesa da sustentabilidade e também idealizador do projeto Parque Minhocão, defende a interferência visando uma nova direção sustentável para São Paulo. Seria o maior parque linear da cidade, com espaço para uso de lazer e esportes, “promovendo uma convivência harmônica e de bem estar com o meio ambiente”. Segundo Ricardo,

o Minhocão, hoje visto como um desastre à paisagem urbana, se tornaria seu próprio elemento restaurador.

A especialista em sustentabilidade e representante da Organização Internacional Global Reporting Initiative (GRI) no Brasil, Catarina Bronstein, relembra que o termo sustentabilidade não se refere somente ao meio ambiente, “atinge também uma parte social e econômica”. Catarina é a favor da interferência sugerida no projeto Parque Minhocão e menciona além do ponto já abordado pelos vereadores - a diminuição de veículos emissores de gases poluentes - qual seria a principal melhora em relação à comunidade. O lazer propiciado proporcionaria uma vida mais saudável e “seria uma boa oportunidade para educar a população nesses moldes”. Ela ainda cita o projeto Beacon Food Forest, em Seattle, que consistiu na implantação do verde em áreas degradadas da cidade, de forma a aproveitar a terra de forma sustentável e ainda fortalecer o laço comunitário entre os moradores, “melhorando a qualidade de vida e proporcionando alimentos orgânicos de qualidade e de graça”.

Catarina sugere para o projeto Parque Minhocão uma área destinada à integração social através do meio ambiente. Sua ideia poderia dar origem a programas educacionais orientados por Organizações Não-Go-

vernamentais especializadas no assunto. Apesar de defender a causa, ela aponta para os riscos, que não só sua ideia de “horta pública” traria, mas todo o projeto do Parque, em relação à estrutura do Elevado.

Segundo a arquiteta, Joana Del Rio, a estrutura já é bem reforçada, pois sustenta a intensa circulação de veículos por todos esses anos, mas o projeto deve ser bem avaliado e questionado sobre a quantidade de verde – plantas e árvores – que será instalado com o surgimento, e conseqüente crescimento, do Parque. “Dependendo de como será elaborado o projeto, principalmente no caso da “horta pública”, terá que ser providenciado um reforço estrutural, sim.”

LADO DE BAIXO

Dono de um ponto de vista diferente, o arquiteto, Roberto Novelli Fialho, é contra o projeto defendido pelos vereadores. Roberto compartilha da ideia do ex-prefeito Gilberto Kassab, da demolição do Elevado Costa e Silva. Ele argumenta que seria mais vantajoso para a região ter de volta uma área ampla e com ruas bem organizadas e conservadas na parte inferior da estrutura. O arquiteto também cita a comparação com o High Line, mas aponta para o fato de “só alguns pedaços do viaduto original terem sido mantidos”, o



Catarina Bronstein especialista em sustentabilidade e representante da GRI no Brasil

que poderia ser feito em São Paulo.

Gabriela Almeida, engenheira, também é contrária ao projeto do Parque. Ela argumenta que se a questão é aumentar o verde na capital e diminuir a poluição, “existem outros modos de agir mais baratos e simples”. Gabriela sugere que se invista melhor na conservação dos parques já existentes na cidade e alerta para o fato de que “antes de qualquer coisa, inclusive da criação de uma nova área de lazer, é necessário orientar a população a cuidar daquilo que já existe. O espaço é bastante degradado, sim, mas se o público

não aprender a preservar, de nada vai adiantar fazer interferências urbanas”.

Outra região da capital paulista, foco de grandes debates ultimamente e que passa por análises parecidas, é o Parque Augusta, no bairro da Consolação. O projeto de lei aprovado pelo prefeito Haddad, e também defendido pelo vereador Ricardo Young, propõe que o espaço degradado seja reaproveitado e usado para atividades físicas, prática de esportes e educação ambiental.

LADO?

Não só no Brasil, mas em outras partes do mundo também, áreas degradadas são palco para possíveis interferências urbanas de melhorias para a população. Uma questão importante levantada por Young ressalta a necessidade do comprometimento a longo prazo do governo, “cuidando ativamente de sua manutenção”. No caso do Minhocão “é preciso uma boa zeladoria para garantir, inclusive, a segurança dos seus usuários”.

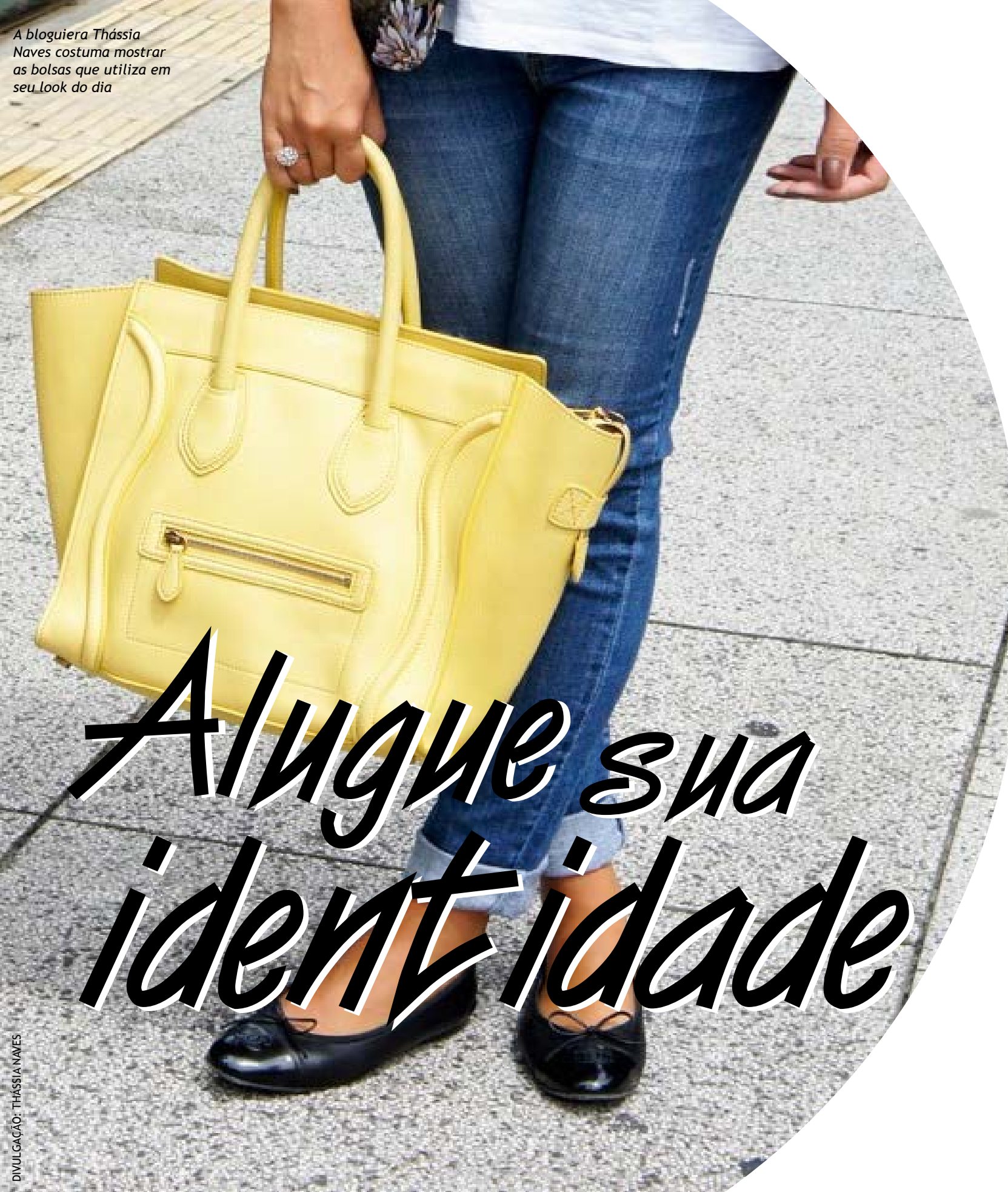
Os primeiros passos para o projeto Parque Minhocão já foram dados. Os rumos que serão tomados ainda não estão definidos. A solução para a região existe e tem muitos defensores, especialmente seus frequentadores, como César Augusto e Luís, mas será, enfim, bem sucedida? Afinal, qual o melhor destino para o Minhocão?●

ANA VAZOLA



Elizabeth Gonçalves da janela de seu apartamento, barulho ensurdecador todos os dias

A blogueira Thássia Naves costuma mostrar as bolsas que utiliza em seu look do dia



Alugue sua identidade

O que o aluguel de bolsas de luxo diz sobre nós?

por Amanda Saviano

No filme *Sex and The City* (2008), a protagonista Carrie, enquanto entrevista uma jovem para o cargo de assistente pessoal, percebe uma bolsa cara no colo da moça e questiona-a ao fim da conversa: “Como uma garota desempregada, com três colegas de quarto, pode pagar uma bolsa Louis Vuitton?”, ao que a entrevistada responde: “É alugada. É como Netflix para bolsas”, referindo-se ao programa de aluguel de filmes online. O sistema de rotação de bolsas de luxo que a garota menciona é uma febre: vindo dos Estados Unidos, possibilita a locação de uma peça Chanel, Balenciaga, Goyard, Marc Jacobs, dentre outras marcas de luxo, por apenas um fim de semana ou mesmo um mês a preços razoáveis (normalmente, 5% do valor original da peça). Nesse aparente ingênuo comércio, podemos estender nossa análise: na sociedade de decepção – termo cunhado pelo sociólogo francês Gilles Lipovetsky – o aluguel de bolsas é um reflexo de nossa submissão ao consumo?

DECEPÇÃO

O sociólogo, ao analisar a contemporaneidade, diz que desejo e decepção caminham juntos. “A dicotomia entre a expectativa e o real, princípio de prazer e princípio de realidade, criam um vazio que muito dificilmente pode ser preenchido”, como explica em sua obra *A Sociedade da Decepção* (Editora Manole, 2007). Nesse sentido, o prazer de caminhar com uma bolsa de marca é um preâmbulo para a iminente decepção? Carolina de Santi, estudante de moda

da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e dona de muitas bolsas de marca como Gucci e Louis Vuitton, reflete: “Parece que as mulheres não compram porque gostam, mas compram porque necessitam mostrar. As redes sociais, principalmente o Instagram, têm influenciado para que o desejo por produtos de grife aumente”.

MERA TENDÊNCIA?

Por 380 reais é possível alugar por uma semana a icônica Chanel Timeless Jumbo, uma das bolsas com maior saída, como conta Fernanda Belém, dona do e-commerce brasileiro de aluguel de bolsas de luxo Bolsaetc. Nas lojas, o preço da bolsa chega a 12 mil reais. “É uma tendência que está vindo com tudo, o conceito é novo por aqui e há muito espaço”, analisa. No país, esse mercado ainda é recente e as apostas são grandes. A empresária, logo ao início da entrevista, esclarece que a ideia de seu negócio não é mostrar quem você não é, mas dar valor a si mesmo. Fernanda deixou sua carreira de dez anos em grandes multinacionais para abrir a empresa de aluguel de bolsas. “Demorei para amadurecer a ideia, mas quando vi que era a hora, abri a empresa com o dinheiro que havia guardado”. Com sede no Rio de Janeiro, há filas para conseguir as bolsas e usualmente as peças mais famosas estão esgotadas no site.

Cliente da Bolsaetc, a designer Aline Rezener ressalta que a principal vantagem do aluguel de bolsas de luxo é que “você não precisa fazer enormes investimentos para poder usufruir de uma bolsa dessas e sempre pode estar com um modelo e grife diferentes”. Detentora do



A designer e blogueira Aline Rezener com algumas das bolsas disponíveis para aluguel da Bolsaetc

blog Malucas e Piradas, Aline surpreende quando perguntada sobre o principal motivo que faz consumidores irem atrás desse negócio: “O consumo desenfreado com toda certeza! Se não houvesse tanto consumismo e a vontade da classe média de ter acesso a esses produtos, sem dúvida não haveria essa modalidade de aluguel de bolsas de marca. Só há demanda quando se tem procura. Somos movidos a conquistas, materiais ou não”. A estudante Carolina completa: “Não há dúvidas que o principal motivo que faz pessoas alugarem marcas é ganhar status e ‘se mostrar’! Na verdade, eu acredito que 99% das pessoas aluguem por esse motivo, uma vez que se a pessoa não se importasse com a opinião dos outros e sua imagem perante eles, ela também não se importaria em gastar o dinheiro do aluguel comprando uma bolsa que não seja de grife”.

Além do Bolsaetc, o e-commerce brasileiro BoBags também é pioneiro no Brasil. Já nos Estados Unidos, o Bag Borrow or Steal, citado em *Sex and The City* pela entrevistada de Carrie, é líder no mercado e mundialmente conhecido. Em seu site, quase todas as bolsas para aluguel estão esgotadas. A famosa Rockstud Tote Medium, da marca Valentino, pode ser alugada por um mês por 300 dólares. Comprar a bolsa em uma loja, entretanto,



pede do bolso do consumidor aproximadamente 3500 dólares. Visto como vantagem econômica para muitos, no aluguel de bolsas é possível perceber o inegável peso que as marcas de luxo tomaram em nosso cotidiano.

CONSUMO E SOCIOLOGIA

O aluguel de bolsas vem ganhando espaço na mídia como uma forma de aproveitar por alguns dias o sentimento de possuir algo tão valioso, que não é fácil de obter sem alguns milhares de reais. Com a ascensão e crescimento da classe média brasileira, uma necessidade de distinção do outro se tornou imperativa. O doutor em Sociologia e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RS, Juremir Machado da Silva, traduz essa necessidade: “Como não podemos nos distinguir por feitos, obras, façanhas, buscamos nos distinguir pelo que nos é oferecido como marca de distinção: a marca de luxo, a grife, o símbolo da

diferença como igualdade com um grupo restrito, que pode nem ser tão restrito assim, mas, de qualquer maneira, separa-se da totalidade e exibe-se como singular”.

Juremir analisa também que é a alimentação de simulacros que gera a tão desejada distinção. O produtor tem que dar a impressão de oferecer exclusividade. Entretanto, em larga escala, ou seja, a muitos; vendendo uma imagem de que, caso você possua aquele item, será diferente do outro, ao mesmo tempo em que vende esse mesmo discurso a todos. Quem aluga bolsas de luxo, quando “descoberto”, pode passar a ser mal visto, uma vez que sua maneira de se mostrar superior (possuindo bolsas de luxo) é, na verdade, uma grande simulação. Para a estudante Carolina, quando alugamos nem sequer temos a chance de criar algum tipo de vínculo com o produto. “Será algo superficial e totalmente sem valor... típico de alguém materialista”. Juremir também discute esse aspecto: “Certamente essa distinção alugada servirá de motivo de chacota para os que se distinguem pela posse dos objetos do desejo. Não será difícil encontrar insultos do tipo ‘você faz gênero com bolsa de grife alugada”.

INDIVIDUALISMO

Na era do hiperconsumismo, a decepção a que se refere Gilles Lipovetsky cumpre presença. Em *A Sociedade da Decepção*, ele diz que as aspirações da moda, o ideal de bem-estar, os lazeres múltiplos difundiram-se em

todos os patamares da sociedade. “O consumo individualista emocional assume agora a dianteira em relação ao consumismo ostentador de classe”, escreve o autor. Andar com uma bolsa Chanel, afinal, supre essa necessidade de distinção? ●



A estudante Carolina em meio a suas bolsas de marca

Da lamaàs lojas

Uma viagem ao tradicional bairro paulistano de Moema

por Amanda Saviano e Ana Carolina Gama

Ao pensar sobre qual bairro pesquisariamos para produzir esta reportagem, fomos tomadas por muitas dúvidas. Afinal, onde poderíamos desempenhar o exercício jornalístico que nos foi proposto (“viajar” por um local pouco frequentado por nós) numa cidade tão plural e heterogênea como São Paulo? Além disso, ambas - Amanda e Ana Carolina - nascemos e crescemos na cidade, e já tínhamos opiniões e preconceitos acerca de muitos bairros. Foi pensando nesses preconceitos que escolhemos o bairro de Moema. Já havíamos estado lá, conhecíamos amigos que moram no bairro e sabíamos de algumas características suas, mas não frequentamos a região com regularidade. Assim, percebemos que seria interessante visitar Moema exatamente por isso: para transgredir o olhar acerca da região, ver Moema com olhos diferentes daqueles já pré dispostos.

Dessa forma, foi numa tarde fria de maio que fomos pralém do Parque Ibirapuera, atravessamos as avenidas Ibirapuera e Indianópolis e nos vimos cercadas de pássaros - isso mesmo - uma vez que os nomes das ruas da região escolhida têm espécies de pássaros em sua composição (Alameda Tuim, Gaivota, Macuco, Juriti...). Chegando lá, a primeira coisa que nos sobressaiu a atenção foi a enorme quantidade de prédios e lojas de rua. Uma verdadeira mistura de edifícios comerciais, residenciais, restaurantes, sorveterias e lojas.

HISTÓRIA

Moema, contudo, nem sempre apresentou tamanha pluralidade imobiliária. O bairro era composto principalmente por grandes chácaras, ocupadas por imigrantes ingleses e alemães na década de 1880 e se chamava Indianópolis. Com córregos e terrenos ala-

gados, não havia asfaltamento e o meio mais comum para se chegar lá era por meio de bondes. O desenvolvimento da região foi lento, e dependeu de grandes investimentos de homens como Fernando Arens Jr. e Faria Lima. O primeiro, em 1913, na época diretor da Companhia Territorial Paulista, comprou a maioria dos lotes da região e deu-lhes nomes; de um lado da Avenida Ibirapuera, espécies de pássaros que podiam ser encontrados ali, do outro, nomes de tribos indígenas, para homenagear os índios Mongaguá, que haviam feito negócios com ele no litoral.

Já o ex-prefeito Faria Lima, na década de 1960, faltou a Avenida Ibirapuera, retirou os bondes, trouxe água encanada, postes de iluminação pública e arborizou o bairro. “Foi uma revolução por aqui”, lembra a aposentada Mario do Carmo Jueves, moradora do bairro desde os anos 1950. “Antes, era um lamaçal quando chovia, não dava para sair de casa. Hoje, olha só, a chuva é coadjuvante se comparada com esses baitas prédios”. A verticalização da região ocorreu principalmente com o chamado “milagre econômico” da década de 1970 que, dentre seus destaques no local, está a construção do Shopping Ibirapuera em 1976.

Maria do Carmo relembra quando, em 1987, o então prefeito Jânio Quadros aprovou a mudança do nome Indianópolis para Moema: “Quando o Jânio deixou mudar o nome, parece que o preço de tudo aumentou, os imóveis, as lojas, tudo, tudo. Mal dava para sair pra comer com meus filhos, de tão caro que eram os restaurantes. Valorizou a região todinha”. O primeiro nome era uma tentativa de imitar a cidade norte-americana de Indianapolis.

PLURALIDADE

Assim que começamos a andar pelo bairro, logo demos de cara uma feira, que contrastava com as lojas chiques da rua, como Le Lis Blanc, John John e Bô.Bô. Esse contraste se dava também no público que por ali transitava: ao lado de feirantes agitados e com volume de voz elevado (ou melhor, berrando) oferecendo seus produtos, haviam donas de casa elegantes e tranquilas, fazendo suas compras da semana, ou mesmo acompanhadas de suas funcionárias, que as auxiliavam na hora



CARLOS ANDRÉ CAMARGO

Os variados tipos de casquinha da sorveteria Cold Stone

de carregar as compras. O atual bairro Moema é uma das regiões com melhor qualidade de vida na cidade de São Paulo. É formado pelas classes média e alta e não possui nenhuma favela. Maria Luiza Dameris, moradora há 40 anos da região, salienta que “o bairro se refinou, com lojas e restaurantes. Tirou o aspecto residencial daqui. Mas a gente ainda faz tudo a pé, dentista, banco, mercado, tudo.”

Enquanto conversávamos com Maria Luiza, ficamos assustadas com a proximidade com que os aviões passavam nos edifícios mais altos e o enorme barulho causado pelos mesmos, proveniente do Aeroporto de Congonhas, prejudicando muitas vezes o entendimento das respostas da entrevistada. “Eu gosto muito de morar em Moema, mas um dos maiores problemas é o barulho dos aviões; às vezes parece que eles estão dentro do meu apartamento de tão alto que é”, afirma Maria Luiza. Durante as horas que passamos na região, notamos uma frequência muito alta de aeronaves sobrevoando o local.

Saindo da feira e andando pelo bairro, percebemos que Moema possui um forte comércio, aliado ao investimento na decoração. Suas ruas são compostas por lojas de vestuário, calçados, acessórios e moda, contando até com estabelecimentos de grifes internacionais, muito bem planejados e bonitos. Chega a ser agradável olhar as vitrines. A rua Normandia é um passeio à par-

te. Com ares de cidade charmosa como Campos do Jordão (SP) e Gramado (RS), é composta por pequenas “casinhas” coladas umas às outras e chão de paralelepípedos, o que lhe dá um toque rústico. No Natal, como lembrou a repórter Ana Carolina ao passarmos pela rua, é conhecida por ficar toda iluminada de luzinhas e de neve artificial.

Assim como Maria Luiza, Daniela Marcones, 24 anos, moradora do bairro desde criança, conta que compra “roupas, sapatos, vou ao cabelereiro e até a academia sem precisar sair de Moema”. A proximidade entre os estabelecimentos e edifícios também é algo a ser destacado. Daniela afirmou que não precisa pegar o automóvel para ir aos lugares que necessita, conseguindo fazer tudo a pé. A pluralidade de serviços encontrados - de consultórios médicos a casas de eventos - é surpreendente. Além disso, os numerosos prédios residenciais mesclados à paisagem comercial auxiliam na composição do aspecto tranquilo do bairro.

SORVETERIAS

Durante nosso percurso, começamos a perceber a grande quantidade de sorveterias na região. Freddo, Cold Stone, Bacio di Latte, Stuppendo, Sotovero, Taperebá Sorvetes e Yogoberry foram as sorveterias observadas em apenas algumas voltas pela região. Vale ressaltar que todas são de “marca”; caras e com sabores

elaborados. “Galera é bem receptiva, animada, principalmente as crianças. Elas adoram sorvete de algodão doce! Coloca na casquinha de granulado colorido, elas adoram.”, conta João Filipe dos Santos, funcionário há seis meses da Cold Stone (a sorveteria escolhida pelas repórteres para um rápido lanche). Talvez seja ironia, mas a palavra Moema tem sua origem na palavra Moeemo, que significa “adoçar”. Em tupi-guarani, Moema significa mentira, calúnia, falsidade. Contudo, no poema “Caramuru”, de Santa Rita Durão, Moema foi usada como o feminino de Moeemo e semanticamente pressupõe-se que a poetisa quis dizer ‘doçura’. De fato, não faltam opções doces na região.

PROBLEMAS

Quando questionamos nossos entrevistados sobre meios de transporte, nenhum se queixou, pelo contrário: “É muito fácil chegar aqui. Moro no Grajaú, pego dois ônibus e já estou aqui no bairro. Gosto muito de trabalhar nessa sorveteria”, relata João Filipe. O acesso por meio de carros e ônibus é tranquilo principalmente devido à proximidade das grandes avenidas Ibirapuera e Indianópolis. Metrô, no entanto, é um item que faz falta. A expansão da linha 5/Lilás prevê as estações Ibirapuera e Moema para o final de 2014, o que iria trazer muito mais movimento à região.

A violência em Moema é um item que merece destaque. Apesar da qualidade de vida e proximidade dos estabelecimentos, o bairro sofreu com assaltos e invasões nos últimos dois anos. O último grande caso (até o encerramento desta reportagem) foi em abril de 2014, quando uma casa noturna foi assaltada por quatro homens armados. Talvez não apenas um reflexo do bairro, mas de São Paulo como um todo foi o crescimento da insegurança. As moradoras questionadas, contudo, não demonstraram ter medo. “Pra mim o bairro é tranquilo, nunca me aconteceu nada”, defende Maria Luiza. “Ah, assalto é em qualquer bairro, né, fazer o quê?” disse Luiz Filipe. Enquanto percorríamos os “pássaros”, em momento algum nos sentimos expostas ou suscetíveis a uma cena de instabilidade. Provavelmente, com a enorme quantidade de seguranças contratados para ficar nas portas das lojas de rua, não tenhamos tido má impressão.

Percorrer Moema não foi uma tarefa fácil: tentávamos ver cada esquina com um olhar diferente, e isso não é simples quando se já tem uma visão pré disposta do lugar. Contudo, essa “viagem” agregou uma sensibilidade perceptiva que não teríamos tido caso nunca fôssemos a campo. Com certeza, nós duas, a partir desse exercício, esforcaremos-nos para elevar o olhar por toda esquina por onde iremos passar. ●



CARLOS ANDRÉ CAMARGO

A rua Normandia e seu estilo de construção rústico

A Figueira de Therezinha

por Ana Carolina Gama e Julia Braun

A vida de uma mãe, esposa, poeta e massagista.



Théo atualmente, com 80 anos.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



A poeta com sua caçula, Paula.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

“Nasci de uma eclipse lunar. Sou estátua da transmutação, feita de sol e de lua”. É assim que se inicia o poema *Transmutação*, que dá nome ao livro de Théo Viotti. Hoje, com 80 anos, Théo conta com orgulho sobre sua obra, que, segundo ela, é uma história de vida. O livro, subdividido em três partes, começa no “Jardim do Éden”, passa por “A Despedida do Éden” e termina em “Sonhos e Fantasias”, assim como toda trajetória deveria.

A dela começou em São Paulo. Seus pais eram separados, e sempre morou com sua mãe na capital paulista. Seu pai, Domingos, vivia em Belo Horizonte. Era comunista e participou da Revolução de 1932, dois dias antes de se casar com sua mãe. Foi perseguido e preso no DOPS durante o período do Estado Novo. Talvez Théo tenha herdado um pouco dessa vontade de mudança política dele, pois par-

ticipou da passeata para a renúncia de Getúlio Vargas, um dia antes de seu suicídio.

Isso aconteceu durante os anos em que estudou no Largo São Francisco. Conta que escolheu Direito porque sempre gostou muito de ler, mas afirma que essa na verdade nunca foi sua área, que escolheu pela falta de opções da época.

Mas foi no período da faculdade que coisas muito importantes para a vida de Théo aconteceram. Reencontrou e começou a namorar seu futuro marido, Armando. Reencontrou porque muitos anos antes, quando tinha apenas 13 anos, ele trabalhava em uma livraria perto de sua casa, e ela já se interessava pelo bonito vendedor. Armando nem reparava na menina de tranças que comprava livros de escola com ele, mas anos depois, quando ela cortou os cabelos, ele não resistiu e a convidou para ir a uma festa com ele. Na época Théo

já tinha 19 anos, e ele trabalha na livraria Saraiva, em frente ao prédio em que ela estudava.

Théo convenceu Armando a estudar, e no fim os dois se formaram juntos. Ele continuou na área de direito por mais um tempo, mas logo migrou para a área de investimentos e virou diretor do Banco Central. Apesar de ter permanecido nesse ramo por muito tempo, também tinha uma veia poética, escrevia sonetos muito bem. Depois que ele faleceu, sua esposa, por incentivo de uma tia de Armando, reuniu todos os seus poemas em um livro, *Interlúdio*, que foi editado pela Saraiva.

Foi também na faculdade que pegou gosto pela poesia. Trocava versos com uma amiga, Marigê, que acabou por se tornar uma grande poeta e teve seu primeiro livro publicado aos 18 anos. Alguns dos poemas de Théo foram impressos nos jornais da época,



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Ler é uma de suas atividades preferidas.

“Escrevi muitas partes sentada ali no meio do mato, sozinha”

mas depois de formada ficou parada por muito tempo. Foi só aos 40 anos, depois que suas duas filhas já haviam nascido e crescido, que voltou a escrever.

Na época fazia aulas de yoga, e sua professora organizou uma tarde poética. Junto com ela, Théo construiu uma série de poemas que dialogavam entre si sobre Martha e Maria, personagens bíblicas. A partir daí voltou a escrever e algum tempo depois decidiu publicar.

Reuniu tudo que já tinha escrito até ali e compôs seu livro, que levou para a editora João Scortecci. Após 140 cópias vendidas - um sucesso, segundo Scortecci - Théo, por indicação de Marigê, mandou várias cópias de seu livro para poetas e críticos da área. Obteve resposta da professora do curso de Letras da USP, Nelly Novaes Carvalho, que a incluiu em seu Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras. Théo

mostra com orgulho seu exemplar do dicionário e diz que ninguém nunca captou as intenções de seus poemas como Nelly.

A professora descreve o livro como uma obra que “Segue o bíblico roteiro da criação do mundo, mas sua essência é outra. Não mais o Deus criador, independente do criado, tal como o consagrou a teologia antropomórfica, mas a força da criação, fonte de energia ou foco cósmico que se manifesta através de todas as formas de vida do universo”. Théo concorda, é uma mulher bastante espiritualizada, que realmente se interessa por ler e conhecer mais a fundo todo tipo de filosofia religiosa. Cresceu com uma avó espírita e um pai ateu, estudou em colégio católico e hoje em dia se identifica muito com o budismo. Mas diz que não tem uma religião só, se define como “espiritualista independente”.

Tudo aquilo que a impressionava de alguma maneira era interessante. A capa de seu livro é a foto de uma figueira que fica na sua casa de Amparo e que tem uns trezentos anos. “Escrevi muitas partes sentada ali no meio do mato, sozinha”. Diz que enxerga naquela pedaço de tronco da foto uma mulher, que a acompanhou durante seu processo de escrita. Curiosamente, depois que o livro foi publicado, essa parte da árvore se soltou.

Mas a poesia não é a única atividade e talento de Théo. Com quase quarenta anos, ela descobriu a massagem terapêutica. É uma massagem muito leve e relaxante, para a dor. “Fiz o curso e fiquei alucinada. Trabalhei trinta anos com isso, era muita alegria”. Avalia que era uma coisa que fazia muito bem não só aos seus clientes, mas a ela também. Teve que parar depois que sofreu um acidente de carro,

mas até um ano atrás ainda recebia pacientes em sua casa.

Outra grande aptidão da poeta é para a arte de ser mãe. Théo teve sua primeira filha Valéria em 1962, que nasceu com pouco peso e paralisia cerebral. Chegou a ficar quarenta e cinco dias na UTI. Ela dedicou muitos anos a filha, que dava muito trabalho. “Foi muita luta, deixei a faculdade de Direito para levá-la para terapia, isso e aquilo, todo santo dia”. Hoje em dia, com 51 anos, Valéria ela é muito independente e faz quase tudo sozinha. Apesar das dificuldades com a primeira filha, Théo foi muito corajosa e não teve medo de engravidar novamente. A caçula, Paula, nasceu cinco anos depois, totalmente saudável.

O que nem todos sabem sobre Théo é que seu nome completo é Therezinha Viotti Bastos. Mas, durante boa parte de sua vida ela odiou esse nome. Quando fazia cursinho para a faculdade de Direito, seu professor de Latim deu para ela o apelido que usa até hoje. “Desde os 16 anos ninguém me conhece por Therezinha, que eu detestava, só por Théo”.

Como não gostava de seu nome de batismo, passou parte de sua infância se perguntando o porquê de se chamar assim. Nunca havia conversado com seu pai sobre isso, mas criativa e fantasiosa como sempre foi, imaginou um episódio em seus pensamentos. “Quem sabe ele ficou com medo de morrer, porque era comunista e entrou

em uma Igreja e viu uma Santa Terezinha e fez alguma promessa”.

Depois de muitos anos, após publicar o seu livro, teve a oportunidade de conversar com seu pai e narrou sua fantasia de anos atrás sobre seu nome. “Ele falou não, não foi isso. Contou que com dezoito anos leu o livro de Santa Terezinha do Menino Jesus e ficou super empolgado porque ela era muito persistente”. Depois de saber da história de seu nome, Théo começou a se reconciliar um pouco com ele e comprou vários livros que contavam a história da sua xará. “Comecei a ler e cheguei à conclusão que tenho muito coisa em comum com ela, eu sou muito persistente”. Além da persistência, Terezinha também era poeta. ●



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Com Paula e Valéria

Poder Lunar!

Fenômeno internacional há mais de duas décadas, a bela guerreira com roupa de marinheiro conquistou o mundo em nome da Lua

por André Valente



No primeiro volume de *Sailor Moon*, a protagonista se transforma na guerreira do amor e da justiça

Usagi Tsukino é uma estudante de 14 anos relaxada, comilona e que chora por qualquer coisa. Certo dia, indo para a escola, a garota tropeça em uma gata falante que lhe concede poderes mágicos, transformando-a em uma guerreira que luta pelo amor e pela justiça. Esta história é familiar para qualquer jovem que cresceu na década de 1990. Mesmo quem não está muito familiarizado com o mundo dos mangás e animes – os quadrinhos e animações japoneses –, já teve ao menos um pequeno contato com *Sailor Moon*, um verdadeiro sucesso que tornou-se referência do gênero.

Bishōjo Senshi Sērā Mūn (em tradução livre: Graciosa Guerreira Sai-

lor Moon), escrito e ilustrado pela mangaka japonesa Naoko Takeuchi, completou 20 anos em 2012. Nesse período, a série ganhou as mais diversas adaptações e tornou-se uma das mais famosas franquias japonesas no ocidente. No Brasil, *Sailor Moon* é muito conhecido devido ao anime, exibido tanto em rede aberta quanto em canais pagos até 2002. Além disso, a série também conta com um live-action, inúmeros musicais e também jogos para as mais diversas plataformas. Trata-se de um verdadeiro fenômeno na cultura popular japonesa.

Com mais de duas décadas de idade, a mais famosa e bem-sucedida franquia japonesa finalmente chegou ao Brasil em sua forma





DIVULGAÇÃO: FELIPE JAWORSKI

Cassius Medauar apresenta a edição brasileira de Sailor Moon

original: o mangá, publicado originalmente em 1992, que foi lançado pela primeira vez no país no dia 29 de março. “Sailor Moon é o último grande mangá com anime de sucesso que faltava pra chegar no mercado brasileiro”, explica Cassius Medauar, gerente de conteúdo da JBC, editora responsável pela edição dos quadrinhos em território nacional. Cassius garante: “Estamos tratando o título à altura”.

O peso da franquia fica evidente no tratamento e na atenção que Sailor Moon recebe da JBC. Desde o início desse ano, a editora tem divulgado vídeos – os chamados Diário Sailor Moon – nas redes sociais mostrando para os fãs as etapas de produção, aprovação e acabamento do primeiro volume. “Além disso, estamos fazendo há seis semanas o Sailor Day todas as quintas-feiras, contando as novidades do mangá”, explica Cassius, que afirma que a editora continuará divulgando semanalmente informações, imagens e vídeos sobre as edições que ainda

estão em processo de editoração.

O tão esperado lançamento foi motivo de uma enorme festa que reuniu cerca de 400 pessoas no auditório da Livraria Saraiva do Shopping Center Norte. O público, ao contrário do que se espera, não era exclusivamente composto por meninas adolescentes, mas sim por jovens e adultos na faixa dos 25 à 35 anos – as mesmas pessoas assistiram Sailor Moon na televisão na década de 1990. Entre eles estava Clayton Alencar, de 31 anos, que acompanha a série desde sua primeira exibição em 1996. “Foi amor à primeira vista”, conta ele, “me apaixonei por Sailor Moon desde o primeiro comercial”.

Além de ter feito grande sucesso com o público, Sailor Moon também é conhecido por renovar o gênero mahō shōjo (histórias sobre garotas mágicas). A série foi a primeira que colocou no papel feminino a figura de uma heroína que luta contra o mal – e não uma menininha que brinca com poderes

mágicos, como geralmente acontecia até então nas publicações desse tipo. Além disso, é perceptível a influência que o título teve em outras séries de mangá e anime, que repetem a mesma fórmula inaugurada por Naoko Takeuchi. Fórmula que, inclusive, tornou-se o maior dos clichês no gênero.

Outro ponto importante é que Sailor Moon fez parte de uma geração de mangás e animes que foram responsáveis por popularizar a cultura japonesa ao redor do mundo. Alessandra Mazzari, de 27 anos, conta que foi a história da guerreira da Lua que despertou seu interesse pelo Japão: “Minha paixão pela cultura oriental começou pelos ani-

DIVULGAÇÃO

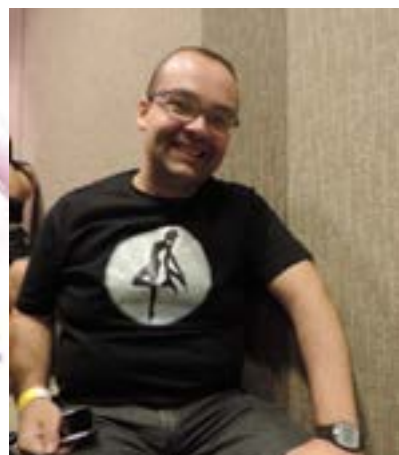


A protagonista Usagi Tsukino luta contra o mal usando um uniforme de marinheiro que faz referência ao código de vestimenta das escolas tradicionais japonesas

Me transforme em...

mes, em especial o de Sailor Moon”. Hoje em dia, Alessandra tornou-se uma grande fã dos mais diversos títulos de quadrinhos e animações japoneses – ela até mesmo fez seu primeiro cosplay na festa de lançamento, fantasiando-se de uma das personagens da série.

Dividida em cinco fases, Sailor Moon aborda as mais diversas temáticas, tais como sexualidade, religião, suicídio e até mesmo sexismo e androgenia. Fãs ao redor do mundo inteiro se deixaram conquistar pela narrativa repleta de poderes mágicos, viagens no tempo e no espaço, astrologia, mitologia, aventura e romance. “Eu sempre fui muito ligada nessas referências”, explica Alessandra “acho o máximo essa fusão cultural entre Grécia, Roma e Japão que Sailor Moon carrega”. Nota-se que Naoko, a autora, fez um trabalho especialmente interessante na construção dos personagens – sua protagonista, por exemplo, é uma perfeita represen-



ANDRÉ VALENTE

Clayton Alencar mostra sua camiseta temática



ANDRÉ VALENTE

Fãs já adultos fazem cosplay de personagens da série na festa de lançamento do mangá

tação social da figura feminina, mas isso não impede que ela exerça um papel tipicamente masculino, que é o de guerreira. A obra questiona o estereótipo da “mulher forte”, que é aquela precisa de atributos e comportamentos masculinizados para provar seu valor.

“Usagi tem um perfil extremamente complexo que se define pela intertextualidade com diversas crenças e ciências do mundo”, apontam Tâmara Cintra Leoni e Tatiana Ludmila Brandão, que realizaram o estudo Sailor Moon: uma análise semiótica de mangá, publicado em 2006 em uma revista da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A análise proposta por Tâmara e Tatiana afirma que a protagonista é uma representação simbólica da mulher no âmbito social, e que os temas discutidos no mangá estão estritamente relacio-

nados com os valores, ordens e alicerces da sociedade - e talvez o sucesso internacional da franquia esteja baseado nessas representações multiculturais.

Independentemente do motivo, é um fato que Sailor Moon conquistou muitos e muitos fãs ao redor do globo. Mesmo depois de vinte anos, a guerreira do amor e da justiça continua encantando e inspirando corações mundo a fora. Não é raro ouvir fãs, como Alessandra e Clayton, que afirmam que a série teve um papel crucial em suas formações. “Para mim, Sailor Moon não vai terminar nunca”, afirma Clayton, ecoando vozes de milhares de admiradores que cresceram com a história da Princesa da Lua. Para essas pessoas, o último trecho do mangá terá sempre um significado especial: “Sailor Moon será eternamente a mais bela e mais brilhante luz”. ●

MANGÁ



Originalmente publicado no Japão entre 1992 e 1997 na revista *Nakayoshi*, da editora Kodansha. Em 2003, a série foi redividida, corrigida e relançada em formato de luxo. São 60 capítulos, dez histórias paralelas e sete livros de ilustrações. Uma nova versão do mangá em formato *kanzenban* está sendo lançada no Japão desde o ano passado.

ANIME



É a encarnação da franquia mais conhecida pelo público. O cartoon tem 200 episódios divididos em cinco temporadas, além de três filmes e cinco especiais, todos produzidos e distribuídos pela Toei Animation. No Brasil, Sailor Moon foi exibido entre 1996 e 2002. Um *re-make* do anime está marcado para estreiar mundial em julho de 2014.

LIVE-ACTION



A Toei também produziu uma série live-action com o título *Pretty Guardian Sailor Moon*. São 49 episódios que foram ao ar no Japão entre 2003 e 2004 e dois especiais que foram lançados somente em DVD/VHS. A série, que é baseada na primeira “fase” dos quadrinhos, foi produzida sob supervisão da própria Naoko, autora da série.

SERA MYU



Entre 1993 e 2005, foram apresentadas produções teatrais tinham tiravam seus roteiros do mangá e do anime ou contavam histórias originais. Até o início do ano passado, 29 peças já tinham sido encenadas, porém um 30º musical foi exibido em comemoração aos 20 anos da série em 2013 e um 31º está marcado para estreiar no inverno japonês.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Quanto mais perto, melhor

A história de fãs que fazem o inimaginável para estar o mais próximo possível de seus ídolos

por Giulia Bressani

Juntar dinheiro para viajar ao redor do mundo. Dedicar horas e horas de um dia por um objetivo. Passar meses fora de casa comendo e dormindo mal para conseguir o que quer. Qualquer uma dessas situações é vista como símbolo de determinação, força de vontade e engajamento. Qualidades extremamente valorizadas em uma sociedade tão imediatista e que tanto preza efetividade e resultados. Porém, quando os objetivos almejados não são um carro ou um emprego melhor, os esforços passam a ser vistos como pura loucura.

É o que normalmente acontece quando fãs, em sua grande maioria, jovens, fazem o possível, o im-

possível e até o inimaginável para alcançar seus sonhos. Sejam eles estar na grade um show, viajar para o exterior para conhecer uma banda ou até mesmo conseguir trabalhar e se tornar amigo de seus ídolos. Milhares de fãs ao redor do mundo compartilham um mesmo objetivo quando o assunto é seu ídolo, mas aqueles que não fazem parte dessa realidade tendem a desmerecer e quase ridicularizar seus esforços.

Em setembro de 2013, o Ministério Público do Rio de Janeiro - juntamente com a Vara da Criança e da Juventude - e o Conselho Tutelar de São Paulo decidiram coibir o acampamento montado por fãs tanto na Praça da Apoteose, no Rio, como na Arena Anhembi, em

Harry Styles, membro da boyband One Direction, distribui autógrafos

terras paulistas. Ambos os acampamentos foram montados cerca de 50 dias antes do show do cantor canadense Justin Bieber. Os fãs eram, em sua maioria, menores de idade e, mesmo com a proibição, voltaram a acampar cerca de uma semana antes do evento.

O primeiro da fila para o show de São Paulo naquele evento é o mesmo que atualmente ocupa, com cerca de outras quarenta pessoas, a porta do estádio do Morumbi, aguardando o show da banda inglesa One Direction. Alexander Archibald, de 18 anos, nunca mediu esforços para tentar chegar o mais perto possível de seus ídolos. No dia 15 de março, ele e outras dezessete pessoas foram o primeiro grupo a montar suas barracas, prontos para acampar por 57 dias antes do show.

O grupo, à primeira vista, pode parecer apenas um bando de jovens desocupados e com muito tempo livre, mas Alex garante que não é assim. “A gente tem uma tabela com os dias de cada um. Então cada dia de semana e final de semana fica uma dupla. Tem horário certo pra chegar e horário certo pra sair.” Segundo ele, não são apenas os horários que devem ser bem planejados. Questões como segurança e um bom relacionamento com os organizadores do Estádio e do evento também devem ser levadas em conta.

Para esses fãs, ser os primeiros da fila é mais do que um luxo. Suas motivações podem variar, mas acabam culminando em “conseguir ficar cara a cara com eles pra ter a chance de olharem pra mim”. Pode soar bobo, como uma paixão platônica de pré-adolescente, mas para quem tem um ídolo, uma troca de olhares de um segundo pode ser muito mais importante do que se imagina. E, para conseguir esse breve momento de felicidade, farão o que for necessário.

Alex confessa que largou o curso de reforço que fazia de manhã e o de inglês a tarde por causa do acampamento e que já organizou uma viagem ao México em três dias apenas para ir ao show da mesma banda pela qual está aguardando agora. “Cheguei lá e gastei muito dinheiro pra passar na frente das pessoas e ainda assim não consegui ficar na grade”. Os quase dois meses vivendo em barracas são, para ele, a chance de finalmente realizar o sonho de estar a tão poucos metros de seus ídolos.

A experiência de sair do Brasil para ir atrás de uma banda não é exclusividade de Alexxander. A estudante de publicidade Isabela Albuquerque, de 20 anos, recentemente passou quase duas semanas, sozinha, na Irlanda por causa de seus artistas favoritos, a banda

inglesa Union J. Dona do maior site sobre a banda no Brasil, ela ganhou as passagens e a hospedagem de aniversário de seu avô e trabalhou, durante as férias, dez horas diárias em um shopping de São Paulo para poder pagar os shows e “meet and greets” (em que você conhece e tira foto com o artista) da banda.

Seu plano inicial era ir apenas ao show em Dublin, a capital irlandesa, mas sua loucura falou mais alto. Entrou em contato com a produtora da banda e acabou, por seu trabalho de divulgação com o site, ganhando ingresso, foto e acesso ao ensaio do Union J em uma cidade próxima. Não satisfeita, usou seu salário (e um empréstimo da mãe) para bancar um terceiro show. Uma semana antes de embarcar, resolveu que iria a mais um, na Inglaterra, no dia seguinte a sua chegada. “Pousei em Dublin às 22h do dia 9, fui para o hotel, tomei um banho e voltei para o aeroporto. Fui ao show e voltei para o aeroporto mais uma vez.”

“Toda vez que eu estava muito cansada, jogada em um aeroporto, eu pensava que era muito burra”, confessa. Mas ela garante que não se arrepende de nada e que, se tivesse que escolher entre ganhar um carro ou encarar a mesma maratona, não pensaria duas vezes antes de encontrar sua banda favorita novamente. “Eu me sinto muito mais próxima deles. Eu sei que eles sabem quem eu sou, sei que eles sabem meu nome.” É fácil perceber, simplesmente pela entonação de voz, que a experiência marcou sua vida de forma única.

Já Bruno Madeira, 18, viu sua relação com seus ídolos mudar de forma mais permanente. Quando criou um site dedicado à boyband carioca P9, há quase um ano, nunca imaginou que nos doze meses seguintes passaria de fã comum a parte da equipe oficial e, inclusive, amigo dos integrantes da banda. Mesmo não morando na capital do Rio de Janeiro, Bruno conseguiu se fazer presente em praticamente todas as chances que teve de estar próximo de seus ídolos. “Eu viajei muito, já gastei muito dinheiro que não podia, estourei cartão de crédito, mas a gente sempre dá um jeito”.

Pouco tempo depois da criação do site P9Brasil, a gravadora Sony Music reconheceu o trabalho de Bruno e da equipe por trás do portal, muitas vezes divulgando-o como a fonte oficial sobre a banda, como aconteceu quando o P9 foi ao programa Raul Gil pela primeira vez, em agosto de 2013. Com isso, o jovem se tornou praticamente parte da produção do P9, ficando responsável por organizar meet and greets não apenas no Rio de Janeiro, mas em outros

estados como São Paulo e Santa Catarina, para onde viajou com a banda, com todas as despesas pagas.

Passar de fã para amigo pessoal de seus ídolos nunca esteve nos planos do jovem carioca e é um reconhecimento muito maior do que esperava quando criou o site um ano atrás, de quando teve a cara de pau de pedir cinco reais para um de seus ídolos para completar o preço da passagem de ônibus de volta para sua cidade ou de quando brigou com seu melhor amigo para poder manter o site de pé. Os sacrifícios hoje parecem poucos frente às recompensas que seu trabalho lhe trouxe.

Apesar de parecerem banais a quem não consegue sentir empatia por aqueles que se esforçam para conquistar algo aparentemente bobo, é impossível não admirar a força de vontade e a determinação de muitos fãs ao redor do mundo, que tentam todos os dias provar para o resto das pessoas que sua admiração e, muitas vezes, obsessão não é uma fase ou uma bobagem. Para quem é fã, aquilo que parece inalcançável é, na maioria das vezes, o objetivo, pois não importa o quanto conquistem, nada jamais será suficiente. ●



Bruno Madeira na primeira vez em que conheceu os meninos da P9 (acima) e quase um ano depois os entrevistando para o site P9Brasil



Volta ao Mundo em cinco quadras

Na Zona Norte de São Paulo, o bairro do Pari é um misto de culturas, condensadas em apenas 3km²

por Bárbara Blum e Heloísa D'Angelo

BÁRBARA

Descemos na estação Armênia do metrô. Era um dia ensolarado, mais quente do que nós (e nossas roupas) esperávamos. Sabíamos pouco sobre o tradicional bairro do Pari, na Zona Norte de São Paulo: era um bairro industrial, onde encontraríamos imigrantes libaneses, bolivianos e uma mesquita. Andamos por cerca de 1 km em ruas esburacadas e desertas rumo ao centro do Pari, sempre acompanhadas pelo cheiro podre do Tietê, que havíamos cruzado ao chegar. Os poucos prédios, em sua maioria comerciais e fechados, não passavam de 4 andares. No meio do caminho, o fedor do rio foi substituído por um aroma forte de caramelo cozido – algumas décadas atrás, o Pari abrigava fábricas de doces, como Tostines, Neuza e Bela Vista, ganhando o apelido de “bairro doce”. Hoje, embora a maioria das sedes não seja mais lá, ainda é possível sentir o cheiro de açúcar das chaminés remanescentes.

HELOÍSA

Deixamos o perfume doce para trás na rua Rodrigues dos Santos, uma via estreita e sombreada por prédios encardidos que não ousavam ter mais de dois andares. O silêncio de sábado era quebrado por uma batida de funk ao longe, e uma igreja espreme-se entre uma praça e um armazém abandonado. A igreja de Santo Antônio do Pari era amarelada pelo tempo e entristecida pelas ruínas ao seu lado. Na porta, fomos recebidas por um cartaz: “Você viu esta santa?”. “Faz alguns dias que roubaram a santa. Foram os malandros do bairro”, explica uma voz cansada, mas firme. Atrás de um balcão com vários cacarecos do Santo, sentava-se Nair Manuel, uma senhora de 79 anos. Filha de imigrantes portugueses, Nair nasceu no bairro e sempre frequentou a igreja que, clama, completa um século em 2014.

Desembaraçada, ela lembra que seu bairro-natal mudou a olhos

vistos: “A igreja é enorme, porque tinha muita gente aqui. Cortiços, residências. Hoje, é tudo comércio, ninguém mais vem à missa”. Por um instante, ela olha para as figuras de Santo Antônio, como se as questionasse, e de repente cospe: “Hoje, tem muito nortista, boliviano, árabe”. Fiquei me perguntando se eles seriam, na visão dela, os tais “malandros”.

Quando a questioneei sobre as ruínas, Nair deu de ombros: “Era um colégio, o Bom Jesus. Ia completar 100 anos, mas fecharam, por falta de alunos”. O vazio do Pari, neste instante, materializou-se, pesado. Por alguns segundos, permanecemos em silêncio; nós tentando compreendê-lo, e “dona” Nadir saldando-o como a um velho amigo.

BÁRBARA

A alguns quarteirões da igreja, avistamos a mesquita. Era discreta, diferente do meu imaginário permeado por fotos da Mesquita



HELOÍSA D'ANGELO

Azul, o que só aumentou nosso desejo de entrar. Um grupo de homens conversava na porta principal, tornando nossa exploração muito mais assustadora. Seria impossível entrar e pedir informações: uma barreira cultural se impôs entre nós e o templo. Paramos, então, no Abu Ali, um dos muitos restaurantes árabes da rua Barão de Ladário para (finalmente) comer uma esfiha.

Ao entrar, dividimos olhares entre um balcão com doces típicos, à nossa esquerda, e um espeto giratório com uma peça grande de carne, à direita. Do mesmo lado, havia uma estante grande, abarrotada de produtos importados – os rótulos eram incompreensíveis, todos em árabe. À nossa frente,

um vidro separava a mercearia do açougue *balal*, termo explicado mais tarde pelo dono, Abu Ali. Tudo era branco, do chão de linóleo às paredes.

Não havia toalhas nas poucas mesas do diminuto salão, apenas papéis sob os pratos. Pedimos uma esfiha grande sob alegações de “é do tamanho de um prato” da garçonete, e descansamos da caminhada enquanto trocávamos olhares curiosos. Nas paredes, quadros com ilustrações egípcias e fotos da Jordânia. Ao nosso lado, uma família rechonchuda comia fritas enroladas em pão sírio fino. Do outro lado, cinco ou seis homens de cabelos negros, sobranceiras grossas e barbas densas comiam um banquete de fritas, kibe cru e

saladas. Eles conversavam entre si em árabe, mas falavam, com um sotaque carregado, em português com a garçonete.

Esperando a comida, dei uma volta pela parte da frente para tentar falar com alguém do restaurante. Encontrei o dono no caixa. O homem – corpulento, peludo e de nariz adunco – não hesitou em responder minhas perguntas. Seu nome é Abu Ali e ele está no Brasil – e no Pari – há 24 anos, sendo que há 14 tem o restaurante, cujo andar de cima é sua casa. Por meio da mesquita xiita que fica a dois quarteirões do estabelecimento, entrou em contato com a comunidade muçulmana de São Paulo. Inclusive, é por causa de sua devoção que a carne do restaurante é *ha*

lal, ou seja, abatida e sangrada por ele em direção à cidade de Meca, em uma fazenda de Piracicaba.

Retornei ao salão para ver que os homens da mesa ao lado haviam ido embora, e agora ocupava-a uma moça, vestida com o que se conhece no islã por *abaya*, um vestido modesto em cores sóbrias que cobre os braços e pernas. Na cabeça, ela usava um bonito *hijab* vermelho com motivos florais em pedraria – um lenço dobrado que cobre o cabelo e o pescoço. Heloísa e eu trocamos olhares: ela poderia ser nossa porta de entrada para a mesquita. Decidimos, porém, esperar que ela terminasse a refeição.

No caixa, Abu Ali permitiu que eu o fotografasse, fazendo com que a senhora de *hijab* vermelho

comentasse “tá famoso, hein”, ao pagar a conta. Na calçada em frente ao restaurante, decidimos esperá-la.

HELOÍSA

“Vocês querem me entrevistar, não é?”, disse a moça, num riso sem molares, que fazia seus olhos muito maquiados encherem-se de pequenas rugas. Seu nome era Mariam Said, uma brasileira que fora prometida ao marido egípcio aos 15 anos e, desde então, abraçara a religião muçulmana. Sem que tivéssemos pedido, ela perguntou: “Vamos entrar na mesquita?”. Ficamos surpresas com o desembaraço daquela mulher, e um pouco envergonhadas com nosso medo inicial. Finalmente, havíamos conseguido nossa desejada guia.

Seguimos Mariam pela porta dos fundos da mesquita – as mulheres não podem entrar pela frente –, e adentramos em uma escada em caracol sem janelas. “Rezamos em cima, para não distrair os homens”, explicava ela. Meus olhos já haviam se acostumado à escuridão quando chegamos à sala de oração das mulheres, um mezanino amplo e iluminado com piso de carpete, que tinha vista para o salão de reza masculino. “Tem que tirar os sapatos”, explicou ela, e nós obedecemos prontamente.

O toque do carpete sob os pés era estimulante, e a sala inspirava paz. Miriam, mais à vontade ainda, nos contou que nunca havia tido problemas por causa de sua religião no Pari: “Aqui as pessoas aceitam muito bem. Ninguém fala nada do *hijab*, talvez porque tenha muitos muçulmanos por aqui”. Mariam era o oposto do estereótipo que tínhamos de uma mulher muçulmana. Gesticulando, ela nos explicava tudo: do Corão à grade que protegia o mezanino, evitando que os filhos das mulheres caíssem enquanto elas rezavam. Enquanto isso, ela pedia que a fotografássemos em diversas poses e ângulos. Neste instante, a porta da escada se abriu e sete mulheres, todas falando muito e vestidas à moda muçulmana, entraram e nos olharam com grande curiosidade.

Receptivo, o grupo nos convidou para assistir ao culto. Para isso, tínhamos de vestir um véu branco e uma espécie de saia que cobria as pernas. As mulheres nos ajudaram a colocar o traje – “Primeiro o queixo, depois a cabeça”, instruiu Miriam –, mas confesso que o meu estava um pouco apertado. Para nossa surpresa, o culto – uma combinação de mantra do



Abu Ali: tradição e mistura em seu restaurante árabe.

HELOÍSA D'ANGELO



Na mesquita xiita, as mulheres devem assistir ao culto no mezanino.

sher, o pastor, com três posições corporais diferentes – durou pouco: em menos de dez minutos, as muçulmanas já nos rodeavam novamente. “Gostamos de explicar a nossa religião para quem é de fora”, explanava Miriam, enquanto me ajudava a puxar o véu, que estava preso na minha cabeça, “assim, as pessoas deixam o preconceito de lado”.

BÁRBARA

Nossas expectativas foram quebradas da maneira mais positiva possível. Já passava das quatro horas e ainda precisávamos visitar um restaurante boliviano. Andamos apenas três quarteirões até o local indicado, mas só encontramos um aviso (em espanhol) explicando que o endereço agora era outro, ainda muito próximo. Atravessamos a praça da igreja Santo Antô-

nio até a rua Rio Bonito e fomos surpreendidas por uma igreja “antiqua” com o nome em coreano, em frente ao restaurante boliviano Jardim Paceño. Entramos na igreja – grande, se comparada ao resto dos estabelecimentos da região, com uma entrada para carros adornada com um pinheiro – e vimos algumas crianças coreanas brincando de pega-pega perto de seus pais e avós, que pareciam aguardar seus carros – todos de luxo – no estacionamento. Não se falava português: o coreano dominava até mesmo a brincadeira das crianças. Pela janela, pedimos ao jovem que estava no computador algumas informações. Yohan, filho de coreanos, trabalha na parte administrativa da igreja. Ele contou que a religião presbiteriana é muito importante para os coreanos, especialmente os imigrantes, pois a igreja representa

um lugar de socialização e integração na comunidade. “Acaba se tornando um movimento mais social do que religioso”, diz.

Com o tempo curto, atravessamos a rua para dar uma olhada no Jardim Paceño. A decoração é bastante simples, como em todos os lugares que observamos no Pari, e os clientes são todos bolivianos, sem exceção. O restaurante já estava fechando, de forma que a simpática (e excelente falante de português) caixa não pode nos conceder uma entrevista. Saímos, atravessamos a rua novamente para entrar em um táxi, mas antes pudemos avistar, da porta de uma igreja presbiteriana coreana, uma moça de *hijab* passando em frente ao restaurante boliviano – ou seja, um resumo do que havíamos conhecido do pequeno bairro do Pari. ●



DIVULGAÇÃO: REDE BRASIL

Pelo direito de ser

Candidato a deputado federal, Bill une sua luta pessoal à militância política
por André Valente e Maria Clara Moreira

Bill Santos Soares pediu que nós o encontrássemos no salão de cabeleireiros mais famoso da Rua Augusta para conduzirmos nossa entrevista. Ele nos encontra na porta, nos mostra o lugar e apresenta aos funcionários. “Você corta cabelo aqui?”, pergunto, ao que ele logo nega: “Não, não, ajudei a construir, com o meu irmão. Nunca cortei cabelo!” - inclusive, todos os empregos que Bill teve carregam um estigma muito masculino: ele foi vendedor de auto-peças, empresário, administrador de obras e até mesmo pizzaiolo.

É contra esse tipo de associação estigmatizada e preconceituosa (nem todos os gays são cabeleireiros ou estilistas) que Bill luta há anos. Candidato a deputado federal pelo Partido do Socialismo e Liberdade (PSOL), ele é militante ativo da causa LGBT+ há cinco anos. Sua luta começou quando uma CPI organizada pela subprefeitura da Vila Mariana fechou a barraca em que Bill vendia pizza no Autorama (um dos estacionamentos do Parque Ibirapuera). Denúncias de venda de bebida alcoólica para menores levaram a comissão de inquérito a exigir o fechamento do

comercio. Para Bill, o caso foi claramente uma manobra de moradores da região que, muito conservadores, não se sentiam à vontade com o point gay no local.

Desde então, Bill passou a se envolver com a causa e tornou-se militante, mas sem se envolver exclusivamente com nenhum movimento específico. “Não gosto de me prender a um só partido, um só movimento”, explica ele. “Só me filiei ao PSOL porque era necessário para entrar na política”. Bill acredita que fazer política é o único meio de mudar as coisas – para ele, a militância é essencial: “Nós [membros da comunidade] LGBT precisamos nos unir mais. Nós precisamos lutar juntos”, diz Bill. No entanto, a luta de Bill começou muito antes de sua militância.

EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Bill nasceu e cresceu no Quadro – um sítio de um pequeno vilarejo na cidade de Zé Doca, no interior do Maranhão. “Nem tenta procurar no *Google Maps*, que você não vai encontrar”, conta ele, “é um lugar muito humilde e tradicional, um vilarejo de famílias cristãs”. Penúltimo – ou antepenúltimo, ele não tem certeza – dos dez filhos de um casal evangélico pentecostal, Bill abomina seu nome de batismo, Abimael, apesar de seu belo significado (Deus Sol). O pai, nada criativo, dera a todos os filhos nomes com a mesma terminação. “Consigo ouvir meu pai pensando: ‘Com qual nome sacanearei o próximo? Israel já tem, Samuel já tem... Já sei, ABIMAE! Já que será viado, vou sacanear mesmo!’ Poderia ter sido Rafael, né?”, brinca.

Nascido e criado em um ambiente religioso e muito conservador, Bill enfrentou muitos problemas em sua trajetória pessoal. A doutrina evangélica foi a base da criação dele e seus irmãos. Para Bill, essa doutrinação viria a ser seu principal obstáculo anos mais tarde. “A religião foi o grande mal que aconteceu na minha vida”, afirma categoricamente. A religião o manteve ignorante e oprimido. “Eu tinha pesadelos com o fogo eterno”, conta, “meu pai dizia que se eu pecasse, eu queimaria no fogo ardente do inferno”.

O fundamentalismo de seus pais limitou consideravelmente a infância de Bill. Ele cresceu sem poder jogar futebol com os amigos ou assistir televisão – com exceção das escapadas furtivas para assistir *Tieta do Agreste* na casa do vizinho. Aos olhos dele, sua infância foi muito feliz e inocente, mesmo com as inúmeras restrições impostas pelo pai. “A gente não podia fazer nada que remetesse a jogo”, explica. “Como não tinha outra coisa para passar o tempo, eu acabava fazendo troca-troca com os amiguinhos no meio do mato”.

Essa descoberta da sexualidade ocorreu muito cedo. Suas primeiras experiências sexuais foram aos dez anos, com seus amigos de infância – prática bastante comum no interior do Maranhão, não necessariamente relacionada a orientação sexual dos garotos, muito pelo contrário: até a adolescência, Bill nem sabia o que era homossexualidade. “Eu achava que o natural era o sexo entre homem e mulher, tanto que tive várias namoradas na minha pré-adolescência”. Suas primeiras experiências com mulheres se deram em São Luís, para onde se mudou aos catorze anos para continuar os estudos.

A vida na capital expandiu os horizontes de Bill, abrindo brechas para que o rapaz finalmente começasse a entender a si próprio. “Quando eu era mais novo, me chamavam de *qualira* [um apelido pejorativo para homens gays], mas eu não sabia o que isso significava, foi só em São Luís que comecei a ver e entender mais os homossexuais”, explica. Na época, contudo, Bill ainda tinha uma visão de mundo pautada na religião – em sua concepção, aqueles homens cometiam um pecado. “Eu tinha medo, eu não podia participar daquilo”.

Ainda assim, Bill acabou cedendo aos seus desejos. “Eu conheci alguns meninos da minha idade e acabamos fazendo sexo, mas depois eu tinha que ir à igreja para orar, pedir perdão e me arrepender do que tinha acontecido”, conta ele. O estigma em torno disso era tão forte que, mesmo no gerúndio dos acontecimentos homossexuais, Bill não se permitia beijar os companheiros. Sempre que isso acontecia, ele “tentava se endireitar”: “Eu passava um tempo sem transar com homens, só ficava com as meninas, mas o desejo sempre vinha de novo e eu acabava cedendo. Ele sempre vem”.

Após dois anos morando em São Luís, ele mudou-se para São Paulo. Na época, envolvia-se com uma garota, cuja suspeita de gravidez alarmou o pai de Bill. Para evitar que o filho fosse forçado a se casar, ele deu um jeito de mandar o rapaz passar um tempo em São Paulo. A gestação não se confirmou, mas mesmo assim Bill nunca mais regressou ao Maranhão. Foi na capital paulista que o jovem mudou completamente de vida.

AUTOCONHECIMENTO

A mudança para São Paulo foi deveras mais difícil que a mudança do interior para a capital do Maranhão. O menino que não tinha televisão em casa se viu em meio a uma realidade que desconhecia por completo. Foi recebido por um casal de nigerianos, patrões da irmã, em cuja casa, no Belenzinho, ambos

moraram. Bill trabalhou para eles como repositor em um supermercado em troca de teto e comida e lá permaneceu mesmo após a partida da irmã. Estudava paralelamente, terminando o ensino fundamental, mas a necessidade de se sustentar o impediu de concluir o ensino médio.

Consumido pelo trabalho, Bill conseguiu dinheiro suficiente para deixar a casa dos nigerianos. Morava sozinho, no mesmo bairro, quando o destino (ele prefere “as ironias da vida”) o fez reencontrar Patrícia, antiga namorada maranhense, com quem retomou o namoro. “Ignorei a parte de mim que era diferente, parei de me relacionar com homens, tudo para ficar com ela.” Imaginando que uma relação heteronormativa era o correto, Bill casou-se. Um ano mais tarde, veio Bianca, filha do casal. “Eu tinha dezenove, a Patrícia, dezoito. Éramos crianças tendo crianças. Claro que daria errado.”

A relação, que costumava ser fácil e agradável, desgastou-se com a paternidade. Brigavam o tempo todo, uma verdadeira incompatibilidade de gêneros que levou Patrícia a voltar ao Maranhão com a filha para “dar um tempo”. O que era apenas temporário alongou-se e Bill, muito apegado à filha, sofreu demasiado com a distância.

“O nome dele era Paulo e eu o conheci no ônibus”, ele diz, a respeito do rapaz que mudaria tudo. Paulo foi o primeiro homem com quem Bill se relacionou em São Paulo. “A carência e a ausência da Patrícia minaram meu autocontrole e eu cedi àquilo que queria o tempo todo.” O relacionamento não vingou, mas o interesse de Bill por rapazes não voltou a ser contido. Assistia às Olimpíadas na TV quando finalmente aceitou sua orientação sexual. “Tinha esse atleta, vestindo quase nada, e a imagem do corpo masculino seminudo despertava o desejo. Então eu aceitei: sou gay.”

Junto à aceitação veio a introdução ao universo gay de São Paulo. Através de Nino, rapaz que conhecera, conheceu a primeira balada GLS. A música alta, a atmosfera de aceitação e o desejo, quase tangível no ar, o hipnotizaram. Em sua concepção religiosa, aquele lugar era o próprio inferno. “Mas eu não achei nada ruim. Pensei: se é o inferno, então eu gosto dele.”

A sensação de pertencimento, de finalmente não estar sozinho, deu a Bill a liberdade que tanto ansiava. Na boate, beijou pela primeira vez um homem em público, coisa que nunca tinha feito antes. “Naquele tempo, se você saía de mãos dadas na rua, você era assassinado. Imagina um beijo!”

Sua fase de liberdade e descobrimento sexual ameaçou chegar ao fim com o retorno de Patrícia, após três meses no Maranhão. Expressou no telefone o desejo de retomar o casamento, vetado por Bill. “Não era mais uma questão de gêneros, era de gêneros mesmo, mas não contei para ela sobre minha homossexualidade”. Era a oportunidade perfeita para mascarar sua orientação sexual por trás de um casamento normativo, mas Bill sabia que jamais poderia usá-la como escudo. “Pensei: não vou usá-la para ser a família margarina.”

O divórcio e a recente descoberta sexual levaram ao imediato rompimento com a Igreja Evangélica. Ainda menino, a religião nele incutiu a imagem de um deus perverso e castigador, que o condenava. Condição sua cabeça, fazendo-o portar-se socialmente como heterossexual. Bill passou, então, a estudar a respeito das religiões e de Deus, quem ele era, como surgira, de onde surgira, até chegar a conclusão que Deus era uma invenção do homem e não o contrário. O estudo o libertou do estigma religioso. “Ele está nas suas entranhas, é muito difícil vencê-lo”, afirma. “Fui induzido a ser hétero, obrigado a ser hétero, adestrado a ser hétero, tudo pela Igreja.” Hoje em dia, não é devoto de coisa alguma. Respeita a necessidade de algumas pessoas pela religião, dizendo ainda que ela tirou alguns irmãos dele de situações difíceis, como o vício em drogas, porém completa: “Ainda assim, para mim, ela foi a grande causadora da minha angústia.”

Os anos seguintes foram de crescimento e experiências novas. A ex-mulher, Patrícia, mudou-se com outro homem, deixando a Bill a responsabilidade de criar Bianca. “Pai solteiro e gay não era a mais ortodoxa das criações, não é mesmo?”, brinca. A ajuda nessa tarefa chegou na forma do grande amor de sua vida, Flávio, com quem engatou um relacionamento e passou a viver junto. “Por ele, senti todos os amores dessa vida”. Permaneceram juntos por sete anos, nos quais a natureza romântica de Bill foi substituída pela racional. Hoje em dia, vê o amor como algo construído para buscar um sentido, “como Deus”, completa.

Na criação de Bianca, Bill tomou cuidado de não apontá-la na direção de uma verdade única e universal, preferindo apresentá-la a todas as crenças, de modo a escolher por si mesma. “Hoje ela é evangélica”, lamenta. «Digo para ela: minha filha, te ensinei tanto... E o que você é? Hétero e religiosa!”, brinca. Enquanto criança, ele temia que Bianca sofresse bullying dos colegas por ter um pai homossexual. “Eu estava pre-

Bill Santos ao lado de Luciana Genro e Jean Wyllys, duas figuras importantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), durante manifestação



DIVULGAÇÃO: GUILHERME PRADO

parado para lidar com o preconceito, mas ela não. Era só uma criança. Felizmente, nada de grave aconteceu.”

Com sua família, a história foi outra. Bill contou para os pais em uma viagem que os dois fizeram para visita-lo em São Paulo. “Eu já sabia”, disse a mãe – sua única preocupação era se o filho iria ou não colocar implante de silicone. Apesar da boa reação inicial, logo o discurso se alterou. “Você tem que se libertar disso, nós vamos orar”, diziam eles. E Bill respondia: “Não estou aqui para explicar, estou somente avisando vocês”. Com o tempo, a situação ficou um pouco mais fácil. Bill voltou brevemente para o Maranhão e ensinou tudo o que aprendeu sobre a questão da sexualidade e identidade de gênero para seus pais e irmãos. Hoje em dia, mesmo ainda mantendo uma forte ligação com a igreja, o pai de Bill é até a favor dos direitos civis dos homossexuais.

Para quem vem questioná-lo sobre sua orientação sexual, Bill responde: “Não estou perguntando se você acha certo. Estou na minha casa, pago as minhas contas”. E paga mesmo. Bill já teve todo o tipo de trabalho, mas nessa época ele estava montando sua barraca de pizza no autorama – a mesma que, mais tarde, seria fechada pela Subprefeitura da Vila Mariana.

Foi quando, durante uma panfletagem no Ibirapuera, Bill conheceu Carlos Giannazi, candidato a deputado estadual pelo PSOL. Assim, Bill foi trazido gradualmente para o mundo da militância LGBT ao mesmo tempo em que abria uma nova pizzaria na Consolação. O estabelecimento foi chamado de “pizzaria gay” pela Folha e fez um considerável sucesso pelo tempo que permaneceu aberto.

Bill ainda quer voltar para a área e tem planos para abrir mais um comércio nesse ramo. Porém, atualmente, sua prioridade é sua vida política. “Não quero ser político profissional”, diz ele “não vou *ser* deputado, vou *estar* deputado”. Mas para ele, sua militância vai muito além do cargo político. Quando perguntado sobre a situação atual da população LGBT+ no Brasil, Bill responde: “Confesso que as vezes dá uma desanimada. Principalmente com essa onda de mortes gays e trans mascaradas pela mídia”. Mesmo assim, há uma ponta de esperança no discurso de Bill. “Me acabei de chorar com o beijo gay na novela da rede Globo”, admite “foi muito simbólico, uma luz no fim do túnel”. E completa: “Espero que um dia a gente não precise debater questões tão básicas do ser humano, que seja algo completamente natural”. ●

OS CURSOS DO FUTURO

por Julia Braun

Novas graduações vêm fazendo a cabeça dos estudantes e do mercado de trabalho, que está mais exigente do que nunca.



Mariana ainda está muito em dúvida sobre seu futuro.



Apostar em formações tradicionais e que teoricamente passam segurança não é mais tão comum como se imagina. Recém-formados no Ensino Médio e até pessoas que almejam a uma segunda faculdade têm cada vez mais buscado novas instruções, que possibilitam maior especialização. É o caso da aluna Mariana Barros, de 19 anos, que há um ano entrou no curso de Saúde Pública oferecido pela Universidade de São Paulo.

Ela escolheu essa opção depois de conversar com o coordenador de seu colégio, e ao tomar maior conhecimento das vertentes do bacharelado, se identificou imediatamente. Interessava-se por campos das ciências humanas e biológicas e a matriz curricular proposta pela graduação em Saúde Pública abrange essas duas áreas. São lecionados assuntos como epidemiologia, ecologia, sociologia, gestão, informática e comunicação. “O fato

de sempre ter gostado de conhecimentos biológicos, mas não querer ser técnica em uma área, e de me interessar por história e sociologia, mas também não querer fazer um curso só dessas especialidades era algo que me atrapalhava muito. Encontrar uma formação que abordava todos os quesitos que eu gostava nestas matérias foi determinante”, contou Mariana. Essa é uma das grandes vantagens das graduações que querem atender a um mercado cada vez mais exigente, elas também satisfazem os gostos específicos de cada estudante.

A capacitação em Saúde Pública teve início em 2012, e como bem disse a Professora Doutora Laura Macruz, coordenadora do curso, veio para solucionar muitas questões complexas na área de saúde: “Desde o início dos anos 2000 debatia-se a oportunidade de instrução sanitária no nível da graduação. Debate intenso, pois

como até então a formação do sanitarista ocorria em nível de pós-graduação, indagava-se a solidez da educação oferecida”.

Da mesma maneira, o curso de Administração Pública surgiu para tentar preencher e agregar mais conhecimento específico aos profissionais da área política. O mercado de trabalho carece de qualificação, e oferece salários atrativos para aqueles que prestam concursos públicos. Natália Esper, que está no terceiro semestre do curso na Fundação Getúlio Vargas, comentou o que chamou sua atenção nessa nova formação: “Acredito que a causa pública me atrai mais que a privada. Além disso, acho que meu perfil pessoal me levou a tal decisão - pensar muito no outro, não acreditar que o mundo se restringe aos espaços que frequentemente estamos nos relacionando com as pessoas que conhecemos e, principalmente, retribuir de alguma

Natália Esper decidiu por Administração Pública pelas suas características altruístas



forma as oportunidades que tive a pessoas que batalham diariamente para conseguir o básico”.

Um dos grandes desafios da FGV e de todas as boas universidades é oferecer o melhor da informação aos alunos, e para isso, necessita de professores qualificados. Os professores da Fundação possuem formações muito completas, e utilizam suas pesquisas e teses de doutorado como assunto base para as aulas. Na Faculdade de Saúde Pública da USP “os professores são sanitaristas formados na pós-graduação, têm especialização, mestrado e doutorado, e um bom acúmulo de conhecimento para debater a especificidade da saúde coletiva”, afirma a Professora Laura.

O surgimento dessas graduações e de muitas outras só evidencia a necessidade de uma especialização no mercado de trabalho atual. Cursos como Produção de Eventos; Design e Planejamento

de Games; Esportes; Sistemas de Informação em Comunicação e Gestão fazem cada vez mais sucesso nas grandes empresas. Apesar dessa grande procura, a dúvida entre os vestibulandos, principalmente os recém-formados no Ensino Médio, é inevitável.

O orientador vocacional do Colégio São Luís, Acidiniz Fonseca da Silva, conta que “sempre há uma insegurança quando se escolhe uma carreira. Muitas vezes a falta de informação e pesquisas idôneas que apontam indicativos sobre o curso causam mais insegurança, e até a desistência”. A incerteza na hora de decidir o futuro aumenta ainda mais quando a formação escolhida é inusitada.

Natália diz que se sente certa hesitação em alguns momentos, principalmente ao analisar a grade curricular do curso de ADM Pública, que segundo as normas do MEC só poderá ser modificada quando

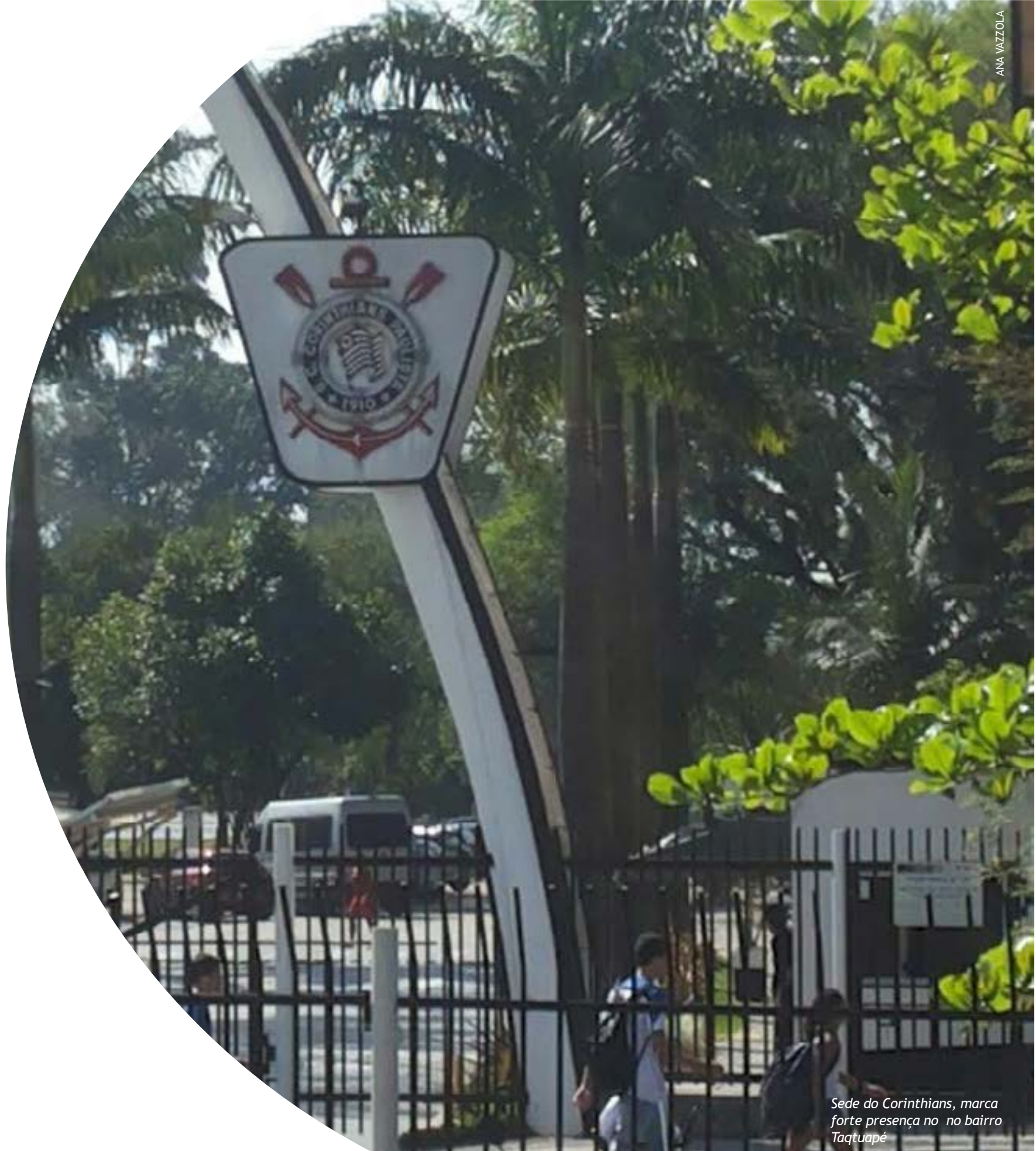
a primeira turma de alunos se formar. Mariana leva a sua dúvida mais além, “o fato da carreira de sanitarista, pra qual estão nos formando, estar vinculada como uma pós-graduação e não uma graduação, ou apenas a um treinamento e não uma formação, é algo que me faz pensar: será que vale a pena investir 4 anos da minha vida nesse curso?”.

Para reduzir as incertezas, “o aluno deve estar atento às novas tecnologias e as perspectivas de futuro de cada carreira a ser seguida. Algumas são momentâneas ou regionais, outras vieram para revolucionar o mercado de profissões a nível global”, afirma Acidiniz. O mercado está sempre dando indícios do que deseja, do que virá. Com o auxílio das faculdades e universidades, que promovem visitas monitoradas, palestras e workshops e uma pesquisa atenta, os futuros universitários podem unir prazer e sucesso profissional. ●

Do Piqueri ao **boom** imobiliário

O Tatuapé tirou o atraso e hoje, conquista o espaço de bairro mais desejado da Zona Leste paulista, além de dar inveja aos bairros nobres da capital

por Ana Vazzola e Mariana Guimarães



“Quem transita hoje pelo bairro do Tatuapé, na Zona Leste da cidade de São Paulo, não imagina toda a história que permeia aquela região. Poucos sabem como ocorreu o seu desenvolvimento, e como prédios suntuosos e de alto padrão substituíram antigas chácaras e terrenos rurais. Mas por que um bairro de atrasada modernização e desenvolvimento, hoje, cresce e se expande de forma inesperada, atraindo novos moradores que buscam luxo e conforto? A região sofreu o boom imobiliário, e a ascensão do bairro fez emergir uma nova classe econômica, a dos novos-ricos, os moradores mais assíduos e fiéis do Tatuapé.

TATUAPÉ ONTEM

Hoje a região, de mais de oito quilômetros quadrados, engloba muitos distritos, mas desde seu início esteve dividida. As principais fazendas que compunham a área eram a Fazenda Piqueri e a do Capão Grande. A exploração da região começou pelo Piqueri, quando no ano de 1560, Brás Cubas, explorador do governador-geral do Brasil na época, chegou a região em busca de ouro e riquezas e se deparou com um ribeirão que desaguava em um grande rio. Tratava-se do Rio Tietê, no qual as águas do Tatuapé desembocavam.

Brás Cubas deu início a primeira e principal fonte de economia da região por muito anos, a viticultura, cultivo

e produção de uvas para a posterior preparação de vinhos, que depois foi continuada pela Família Marengo, que se tornaram importantes e conhecidos. As terras favoreciam o sucesso dessa cultura e aos poucos a Fazenda Piqueri foi ganhando vizinhos que contribuíram para o crescimento da redondeza. Mas foi no século XIX, com a chegada de imigrantes que se instalaram nas proximidades e dos trilhos, trazendo consequente valorização da região, que a história começou a mudar.

“O nosso bairro sempre foi uma região bem pobre e bucólica, mas quando as indústrias começaram a despontar por esses lados, as coisas melhoraram.”, conta Maria Luiza de Andrada Lisboa, com incríveis 89 anos

de idade e de histórias do Tatuapé. “Eu nasci aqui, vi toda a mudança desse lugar, não tinha porque ter me mudado.” As atividades industriais se iniciaram nos anos 30 e alteraram a situação socioeconômica local, de zona rural a região proletária.

Atrasado em relação a bairros como Brás e Mooca, consistia em uma área de terras precárias e, portanto, baratas, que atraíam as indústrias que buscavam espaço para se expandir. “Aí você pensa: se as indústrias chegaram tarde, o bairro vai continuar atrasado. Mas não, exatamente por serem as últimas, elas eram as mais modernas e as mais tecnológicas.”, afirma Pedro Henrique Rodrigues, morador e filho de Raul Rodrigues, dono da Tecelagem Arfama, uma das primeiras do bairro. “O atraso do Tatuapé resultou em benefício.”

A transformação já podia ser vista nas ruas, onde operários ocupavam os espaços públicos e tornavam-se os principais moradores, construindo suas casas nos antigos terrenos de chácaras e fazendas. A infraestrutura foi sendo adquirida, “postes de luz, rede de água e esgoto, tudo isso era raro por aqui”, detalha Maria Luiza. O número de estabelecimentos comerciais cresceu de acordo com a demanda populacional. “As mercearias passaram a vender de tudo e surgiram padarias, lojinhas, mas o que eu mais lembro é do ponto de táxi da Rua Tuiuti.”, relembra Nilce do Carmo, moradora do Tatuapé há 70 anos e que guarda com carinho recordações de Sebastião, taxista da época do primeiro ponto de táxi do bairro.

Nilce ainda comenta o fato de haver poucos tipos de lazer no bairro, principalmente para as mulheres, “para os homens tinha o futebol, mas para as mulheres era bem difícil”. Porém, os cinemas chegaram tardiamente e se instalaram na Avenida Celso Garcia, uma das principais até os dias de hoje. “Eu gostava de ir ao Cine Aladim ou ao São Luiz na Celso Garcia, é uma pena que hoje esses prédios sejam ocupados por comércios, e alguns estão até mesmo abandonados”, lamenta. Ela acredita que a conservação desses espaços teria sido muito importante para manter a história do bairro. Outra possibilidade de diversão eram os bailes que aconteciam no Clube dos 40. Localizado no segundo andar de um sobrado, também, na Avenida Celso Garcia. O mais badalado, segundo Maria Luiza, era o Baile das Bolas, onde “as mulheres só podiam ir com vestidos estampados de bolinhas, de várias cores e tamanhos, mas só bolinhas”.

Como lembrou Nilce, o futebol de várzea era super presente no cotidiano dos homens bairristas. A rivalidade entre o alto e baixo Tatuapé mexia com os



Avenida Celso Garcia, mais importante da região, antigamente

tatuapeenses. Seu Armando Ferreira Filho, conta que “quando tinha jogo do Sampaio Moreira contra o Vila Primavera, a coisa pegava fogo” e não tinha um que não torcia. “Os irmãos Favoreto jogavam muito e deixavam o jogo uma disputa só.”, narra o sampaiense. Hoje, o time do Corinthians tem sua base no bairro. E Seu Armando conta que a ida do Parque São Jorge pro Tatuapé se deveu ao fato “(do) time ser apoiado pelos trabalhadores, não tinham dinheiro para ir pra bairro chique”.

O esporte é muito presente no bairro, tendo como expoente máximo o time do Corinthians. Poucos lugares de São Paulo vivem tanto o dia-a-dia de um clube como o Tatuapé. A região abriga grande parte dos jogadores e dirigentes do time, o que faz o estudante Leandro Almeida, de 19 anos, se empolgar ao falar do clube do coração: “Moro no mesmo prédio do Romarinho e do Cássio, já tirei fotos com vários jogadores e pedi autógrafos, porque sempre que vejo alguém do Corinthians por perto eu vou atrás. Meu pai me contou que tomava café na padaria junto com o Rivaldo nos anos 90”.

TATUAPÉ HOJE

É fácil notar que nos dias de hoje, as indústrias não ocupam mais a região do Tatuapé. O bairro foi adaptando-se a classe média alta e o sucesso imobiliário deveu-se principalmente à mudança dessas indústrias para outras regiões e a consequente compra dos terrenos desocupados por imobiliárias e empresas de engenharia, que agregaram valor aos terrenos e imóveis.

O consultor imobiliário, Rodrigo Alves, explica a razão pela qual as indústrias deixaram o bairro: “acontece que as indústrias querem se expandir e precisam ir em busca de terrenos mais baratos, que elas já não encontram por aqui”. O Tatuapé criou então um forte padrão verticalizado na construção, “devido ao alto custo que essa área tem”. As antigas moradias simples dos operários foram substituídas por enormes construções sofisticadas. “Com todo o desenvolvimento do bairro, a sofisticação e o comércio tiveram as portas abertas.”, analisa Rodrigo, sobre a entrada do Tatuapé em sua fase terciária de economia.

Hoje é uma das regiões mais valorizadas da cidade de São Paulo, com prédios de alto grau de conforto e luxo.

Não faltam atrativos para aqueles que querem mordomias e lazer: piscinas, quadras de tênis, pista de corrida e churrasqueira são só alguns dos benefícios de morar em alguns edifícios do bairro. De acordo com o Conselho Regional de Corretores de Imóveis, o CRECI, trata-se de uma “zona de valor A”, ou seja, equipara-se a bairros nobres da capital, como Moema, Higienópolis e Jardins. Rodrigo concorda com o pensamento de Pedro Henrique, primogênito do dono de uma das primeiras indústrias do bairro, que apontou o atraso como propulsor de benefícios ao Tatuapé. No caso, os prédios na região, logo que surgiram, eram os mais modernos e tecnológicos, pois foram os últimos a aderirem a essas construções, diferente das regiões centrais. O atraso, novamente, favoreceu o Tatuapé.

A charmosa padaria Lisboa, fundada no bairro há quase 100 anos, possui fotos que contam um pouco da história do bairro. O neto do fundador, Flávio Roveri Martins afirma: “Aqui é uma cidade do interior. É impossível andar na rua ou no shopping sem cumprimentar uma dezena de amigos”.

O boom imobiliário no bairro gerou uma melhor infraestrutura. Atualmente o Tatuapé conta com duas

estações de metrô (Carrão e Tatuapé) e uma estação de trem (Tatuapé), parques municipais, como o histórico Parque do Piqueri, além de três shoppings (Shopping Anália Franco, Metrô Tatuapé e Boulevard), sendo que os dois últimos são integrados na estação Tatuapé, o que facilita o acesso de pessoas que não são da região.

O boom imobiliário que o bairro sofreu trouxe para a região uma nova classe: os “novos ricos”. Fieis, a maior parte dos habitantes do Tatuapé nasceu e cresceu no bairro, tanto que os novos empreendimentos são consumidos, geralmente, por antigos moradores. Muitos deles consideram que foi desenvolvimento da região que os ajudou a melhorar de vida e alcançar esse novo patamar econômico. Os “novos ricos” nem pensam em sair do agitado bairro, como é o caso da empresária Rosângela Albuquerque, que em breve se mudará para uma cobertura estimada em R\$4 milhões. “Eu moro aqui desde que nasci e não tenho vontade de me mudar. O Tatuapé não deixa a desejar para nenhum bairro da Zona Sul, aqui temos um pouco de tudo.”

Hoje, o bairro se tornou o sonho de consumo dos moradores da Zona Leste e referência em infraestrutura. Mas, embora o bairro seja cercado pela modernidade, ainda é possível ver resquícios de uma região que foi essencialmente industrial e que cultivava alguns hábitos e locais do século passado. ●

Padaria Lisboa, fundada no bairro há quase 100 anos



Maria Luiza e seu marido, Cláudio, bailes no Clube dos 40

Articulações

por Isabella Faria

Ilustração de Heloísa Pereira

Conseguia ouvi-la de fora da sala de aula. Seus dedos estalavam com força e em um ritmo quase ensaiado. Abri a porta e me deparei com Gláucia, debaixo de três casacos, fazendo seu aquecimento antes da nossa aula de ballet começar. Dobra e estica, pé de palhaço e pé de bailarina. Seus dedos estavam repletos de bolhas. Muita pressão, muita opressão. Pé de palhaço, pé de bailarina...

- E aí, Isa? – Gláucia interrompeu meu devaneio – Como você tá?

- Tudo certo! – Despertei.

Fazia frio, o maior inimigo das bailarinas. Abri minha bolsa e achei um casaco leve que me esquentaria até eu entrar no mesmo ritmo da Gláucia. Pé de palhaço, pé de bailarina.

Ela não era igual às outras. Não esbanjava sapatilhas novas, custava a pagar figurinos, as fitas de cetim que tinha eram gastas e opacas. Porém, ninguém olha para um pedaço de tecido quando há um brilho no olhar. Gláucia era a melhor das bailarinas da escola, dançava com a alma, dançava como se seu mundo todo dependesse disso. E dependia.

- Eu vi que aconteceu um assalto no Heliópolis ontem, Glau – Puxei assunto assim que me sentei ao lado dela – Foi perto da sua casa?

- Um pouco, mas não deixou a gente com muito medo – ela disse.

Seu coração era mais forte que o gesso de suas sapatilhas. Segundo ela, acordar no meio da noite ao ouvir um tiro era quase uma rotina. Pé de palhaço. Gláucia até se acostumara com o barulho, transformou os estalos das balas em uma sinfonia; seria isso uma erudição inconsciente? Pé de bailarina.

- Badalou muito no feriado? – perguntei

- Sim, foi bem legal. Mas a polícia chegou e aca-

bou com tudo mais cedo – respondeu ela, olhando para seus pés, agora de palhaço.

A porta se abriu de novo. Rachel entrou na sala de aula, imponente. Percebi que, quase no mesmo momento, a postura de Gláucia pareceu se curvar. A recém-chegada vestia um moletom com a inscrição “Gap”, em letras garrafais e segurava um salgado oleoso na mão esquerda.

- Bonito seu moletom da “gup” – comentou Gláucia

Rachel se virou para Gláucia, uma gota de óleo pingou do seu salgado ao mesmo tempo em que Rachel mantinha um olhar confuso.

- Da onde? – perguntou Rachel.

- Da “gup”, ué.

- Se diz “gup”, Gláucia – disse Rachel abocanhando o salgado para abafar o riso.

Era só um fonema. Um fonema estrangeiro, inclusive, mas Gláucia baixou os olhos, envergonhada. Cara de palhaço, pé de bailarina. Não era a primeira vez que isso acontecia, Gláucia errava alguns nomes com frequência. Queria um tênis da “Nique”, uma bolsa da “Luís Viton”, um livro da “Jota Ká Roulin”, mas não queria que rissem dos seus enganos. Tinha até começado um curso de inglês, duas horas por semana, não era justo.

De repente, Gláucia me lança uma súplica silenciosa. O mesmo brilho no olhar de quando está no palco agora se dirige a mim. Eu consenti e lancei:

- Na verdade, Rachel, depende muito da região dos Estados Unidos, o sotaque varia...

Gláucia baixou os olhos com um sorriso agradecido de canto de boca. Rachel não entendeu e não havia o que entender. Já nos basta a opressão da professora que, segundos depois, escancarou a porta e nos perguntou se já havíamos aquecido nossos pés. ●



/FaculdadeCasperLibero



@CasperLibero



/CasperLibero

FACULDADE
CÁSPER LIBERO

FORMANDO
8 MELHORES
PROFISSIONAIS
8 COMUNICAÇÃO

Balaio

Faculdade Cásper Líbero - 2014

Orientação: Professora Helena Jacob

Diagramação: Amanda Saviano, Ana Vazzola, Julia Braun, Luiza Donatelli, Mariana Dib e Talita Mônaco

Texto: Amanda Saviano, Ana Carolina Gama, Ana Vazzola, André Valente, Bárbara Blum, Daniel Lopes, Giulia Bressani, Heloísa Pereira, Isabella Pereira, Julia Braun, Maria Clara Moreira, Mariana Guimarães e Nicolaos Garófalo